



*O Dia dos
Apóstolos*
O Sábado em Atos

14

IRÃO OS ÍMPIOS ARDER
PARA SEMPRE NO INFERNO?
Saiba a resposta.

28

A CAMPANHA
Ao serviço de Deus.

35

UMA HISTÓRIA CHEIA DE
HISTÓRIAS (PARTE II)
A epopeia continua.



1 646188 621119

PUBLICADORA SERVIR
NOVEMBRO 2021
N. 894 | ANO 82 | €1,90

3⁺Discípulo

Vem e Segue-me

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **António Amorim**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E. R. C.

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

 **Igreja Adventista
do Sétimo Dia**

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora ServVir, S. A..

novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
31	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	<u>6</u>
<u>7</u>	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>10</u>	<u>11</u>	<u>12</u>	<u>13</u>
14	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	<u>18</u>	<u>19</u>	<u>20</u>
<u>21</u>	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	<u>25</u>	<u>26</u>	<u>27</u>
<u>28</u>	29	30	1	2	3	4

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

6-7 EFJA – NÍVEL IV

6-13 SEMANA DE ORAÇÃO

20 DIA DAS CRIANÇAS VULNERÁVEIS

20-21 CONSELHO NACIONAL JA

21-23 CONVENÇÃO PASTORAL

27 ROIGS (SUL)

**28 ROIGS (LISBOA E VALE DO TEJO) |
ALMOÇO DE NATAL DA FAMÍLIA PASTORAL (LISBOA E VALE DO TEJO E SUL)**

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE FRIEDENSAU (EUD)

8-12 SEMANA DE ORAÇÃO (EUD)

15-19 UNIÃO FRANCO-BELGA (FBU)

22-26 UNIÃO ROMENA (ROU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[3] QUARTA-FEIRA

[15] SEGUNDA-FEIRA

dezembro

D	S	T	Q	Q	S	S
28	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>
<u>5</u>	<u>6</u>	<u>7</u>	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>10</u>	<u>11</u>
<u>12</u>	<u>[13]</u>	<u>14</u>	<u>15</u>	<u>[16]</u>	<u>17</u>	18
<u>19</u>	<u>20</u>	<u>21</u>	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	25
<u>[26]</u>	<u>27</u>	<u>28</u>	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>31</u>	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

2 CERIMÓNIA SOLENE DA AIDL R

4 ROIGS (CENTRO)

5 ROIGS (NORTE)

5 ALMOÇO DE NATAL PARA FAMÍLIAS PASTORAIS (REN E REC)

10-12 ENCONTRO DA REDE NEWSTART

10-12 CAMPANHA "O DESEJADO IV" (NTP)

11 DIA DA MORDOMIA

19 CONCERTO DE NATAL DA ADRA

29-2/1 CONGRESSO JA

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/11-3/12 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA ALEMÃ (SWU)

6-10 CASA DE REPOUSO DE UZEIN (NGU)

13-17 CASA DE REPOUSO DE OERTLI-MATT (SWU)

27-31 CENTRO DE MEDIA ADVENTISTA (ROU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[13] SEGUNDA-FEIRA

[16] QUINTA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[26] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 10:00 E AS 10:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

04

EDITORIAL

Evangelizar Portugal e o Mundo

28

TESTEMUNHO

A Campanha

A aventura missionária de uma jovem consagrada.

29

ESPÍRITO DE PROFECIA

João no Dia do Senhor

O testemunho inspirado sobre o dia guardado pelo apóstolo João.

30

PÁGINA DA FAMÍLIA

Todo o mundo, alguém, qualquer um e ninguém

Uma história sugestiva.

32

ESPAÇO JUVENIL

Os apóstolos guardam o Sábado

O Sábado era o dia dos apóstolos!

35

MEMÓRIAS DA NOSSA HISTÓRIA

Uma História cheia de histórias (Parte II)

Mais um capítulo da epopeia missionária do Bongo.

45

Notícias Nacionais



DESCOBRIR

05

**O Dia dos Apóstolos:
o Sábado em Atos**

Podemos provar que o Sábado era o dia observado pelos apóstolos de Cristo?

14

**Irão os ímpios arder
para sempre no Inferno?**

Descubra a verdade bíblica sobre o Inferno.



DESENVOLVER

18

A sua religião e o meio ambiente

O ambientalismo cristão é um dever incontornável.



DAR

22

**Sacrificando-se em prol
da Causa de Deus**

Precisamos de menos palavras e de mais sacrifício.



EDITORIAL

Pr. Antônio Amorim
Presidente da UPASD

Significado da santificação do Sábado bíblico

Como distinguir a Igreja Verdadeira de Deus, a herdeira genuína da Igreja Apostólica, nos tempos atuais, à luz das informações da Revelação bíblica? Esta é uma questão fundamental, no meio de tanta confusão religiosa que existe atualmente, e a resposta constitui o elemento central da identidade eclesial na linha contínua da história do Cristianismo. Apocalipse 14:12 caracteriza a Igreja, os “santos”, como tendo a “fé em Jesus”, o único Salvador, e a fidelidade aos “mandamentos de Deus”, a única parte da Bíblia escrita, por duas vezes, pelo dedo do próprio Deus (Êxo. 31:18; Deut. 10:1 e 2). O quarto mandamento começa de uma forma única e distinta em relação aos restantes nove: “Lembra-te do dia de Sábado para o santificar.” Hoje, uma grande parte do Cristianismo santifica o domingo, dia da ressurreição do Senhor Jesus Cristo. O que aconteceu então? Houve realmente esquecimento do dia santo do SENHOR (Isa. 58:13)? Houve alguma alteração depois da morte de Jesus? Se fosse esse o caso, essa mudança estaria relatada na Bíblia, a Palavra de Deus. Qual era a prática dos apóstolos, dos primeiros Cristãos e das primeiras igrejas depois da ressurreição e da ascensão de Jesus Cristo?

O artigo que dá título à capa deste mês leva-nos a estudar “O dia dos Apóstolos: O Sábado em Atos”. Atos dos Apóstolos é o livro bíblico do Novo Testamento que relata o início da história da Igreja Cristã. Este estudo

é importante para fundamentar a historicidade cristã do Sábado. Este é um dos elementos fundamentais da identidade da Igreja que, porque aguarda a Segunda Vinda do Salvador Jesus Cristo, é “Adventista”, e, porque não se esqueceu de santificar o dia de Sábado, é “Adventista do Sétimo Dia”. Qual o significado da santificação contemporânea do Sábado, na continuidade da era neotestamentária?

A fidelidade aos mandamentos de Deus é, segundo as próprias palavras de Cristo, a prova do amor que nutrimos por Ele (João 14:15; 15:10). Constitui também o teste da fé em Deus e na Sua Palavra (Tiago 2:10-12, 18, 20). Quando declaramos e testemunhamos confiar em Deus, ter fé na Sua graça, essa fé manifesta-se em decisões e atos de obediência, obras da fé. O mandamento do Sábado passa a ser, então, um sinal de fidelidade, de amor e de reconhecimento pela salvação. A salvação é um ato exclusivo da graça de Deus, numa dinâmica de conexão salvadora através da aceitação pela fé por parte do Cristão (Efésios 2:8). O Cristão não santifica o Sábado para ser salvo, mas fá-lo por estar salvo e, assim, não querer quebrar essa ligação pela infidelidade. O Cristão demonstra, por este sinal, que quer viver no Caminho com Jesus Cristo, e não derivar por atalhos. O Cristão, ao santificar o Sábado, está em comunhão com Deus, o primeiro que o santificou e abençoou (Gênesis 2:2). Está também em comunhão com Moisés, com Isaías, com Jesus Cristo, com Maria Sua mãe, com Paulo e com os demais apóstolos. Este privilégio leva-nos, ao mesmo tempo, a viver a alegria do Sábado e a responsabilidade de partilhar o seu ensino, para que outros mais não se esqueçam e vivam este privilégio. Que o Senhor nos abençoe para sermos o Povo da Bíblia, o Povo de Deus, o Povo do Sábado, o Povo de Jesus Cristo.

O DIA DOS APÓSTOLOS: O SÁBADO EM ATOS

*Qual era o dia sagrado dos Apóstolos?
A resposta a esta questão encontra-se no livro de
Atos dos Apóstolos.*



Paulo Lima
Editor da Revista Adventista

INTRODUÇÃO

Costuma alegar-se que a Igreja Apostólica observava o domingo como dia sagrado desde a sua fundação. No entanto, tal tese parece não ter suficiente apoio bíblico. Na verdade, para determinarmos o dia de culto da Igreja do primeiro século devemos responder à seguinte pergunta: Qual era o dia sagrado dos Apóstolos? A resposta a esta questão encontra-se no livro de Atos dos Apóstolos. Embora não tenhamos aí um registo completo sobre a atividade apostólica referente à celebração do dia sagrado, temos o registo da prática do apóstolo Paulo e dos seus companheiros de ministério. Ora, como iremos ver em seguida, o livro de Atos relata quatro ocasiões distintas em que Paulo e aqueles que o acompanhavam ministraram a Palavra ou adoraram no Sábado. Neste artigo iremos estudar em pormenor estes textos de Atos, de modo a mostrar que o apóstolo Paulo era um observador do Sábado bíblico. A explicação oferecida para estes textos cruciais pelos defensores do domingo é a de que Paulo usava o Sábado apenas como meio estratégico para evangelizar os Judeus. No entanto, iremos ver que esta tese não é correta, pois Paulo evangelizava igualmente os Gentios no Sá-

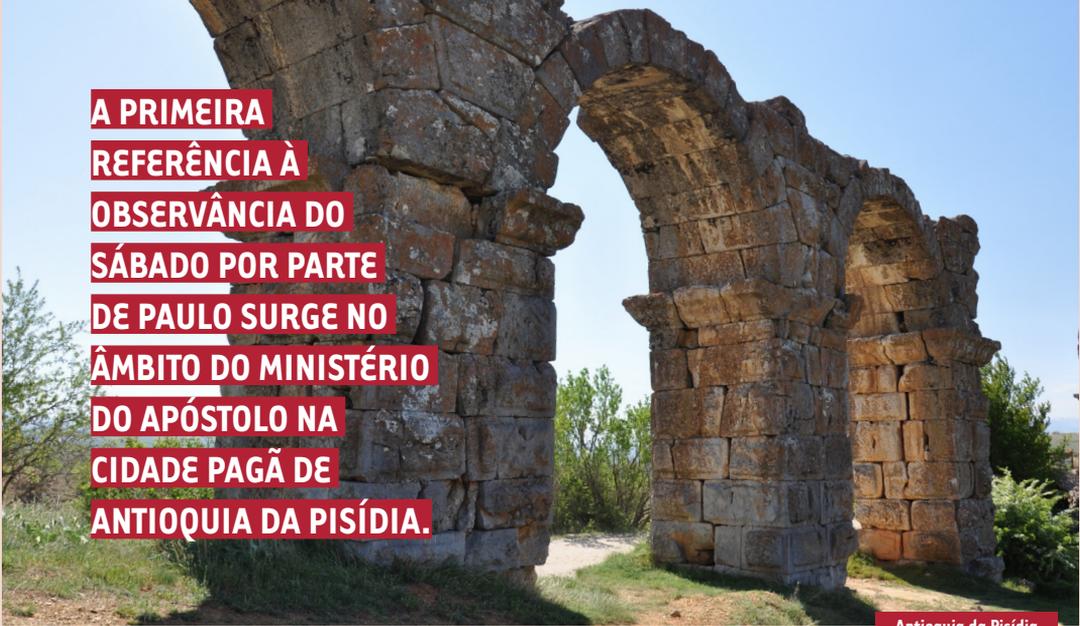
“Eles, saindo de Perge, chegaram a Antioquia da Pisídia. Entrando na sinagoga, num dia de sábado, assentaram-se” (Atos 13:14, AEC).

bado e, além disso, também participava costumeiramente no serviço de culto da sinagoga e adorava no Sábado. Na verdade, ele adorava no Sábado mesmo quando não havia sinagoga.

Caso possamos comprovar a tese de que Paulo era um observador do Sábado, poderemos também concluir que a Igreja Apostólica observava o Sábado como dia sagrado e de culto. Pois a prática do apóstolo Paulo não poderia, certamente, deixar de estar em sintonia com a prática geral da Igreja Apostólica.

O SÁBADO EM ANTIOQUIA DA PISÍDIA

A primeira referência à observância do Sábado por parte de Paulo surge no âmbito do ministério do apóstolo na cidade pagã de Antioquia da Pisídia. Lucas, o autor do livro de Atos dos Apóstolos, escreve: “Eles, saindo de Perge, chegaram a Antioquia da Pisídia. Entrando na sinagoga, num dia de sábado, assentaram-se” (Atos 13:14, AEC). Note-se que a referência a “um dia de sábado” na língua grega do texto original está formulada do seguinte modo: *têêmêratôn Sabbatôn*. Esta expressão grega significa, literalmente, “no dia que é o Sábado”.¹ Lucas usará a mesma significativa expressão em Atos 16:13. O uso desta expressão é importante, porque Atos 13 marca o início do ministério missionário itinerante de Paulo. Atos 13:14 é a primeira referência àquela que será a habitual prática cultual de Paulo, estabelecendo o precedente que regerá o comportamento do apóstolo nas restantes reuniões realizadas ao Sábado. Assim, convém notar que Lucas pretende enfatizar que o



**A PRIMEIRA
REFERÊNCIA À
OBSERVÂNCIA DO
SÁBADO POR PARTE
DE PAULO SURGE NO
ÂMBITO DO MINISTÉRIO
DO APÓSTOLO NA
CIDADE PAGÃ DE
ANTIOQUIA DA PISÍDIA.**

Antioquia da Pisídia

dia em que Paulo cultua não é um dia qualquer. É precisamente o dia que as Escrituras Sagradas então existentes, os Escritos do Antigo Testamento, determinam ser o dia de Sábado (*Shabbat*), isto é, o dia de descanso e de culto. Isto significa que Lucas tem aqui subjacentemente presente o mandamento do Sábado expresso em Êxodo 20:8-11. É a existência e a formulação deste mandamento que dá sentido à prática cultural de Paulo e de Barnabé em Antioquia da Pisídia, que Lucas narra.

Depois de lhes ser dada a palavra, os apóstolos dirigiram-se aos crentes reunidos na sinagoga e Paulo pronunciou um sermão em que proclamou Jesus como o Messias. Este sermão exerceu uma forte influência na audiência, pois Lucas relata que “quando Paulo e Barnabé iam saindo da sinagoga, o povo rogou que no Sábado seguinte lhes dissessem as mesmas coisas” (Atos 13:42, *AEC*). Paulo aceitou o convite. Mas, então, acontece algo que é inexplicável à luz da teoria de que Paulo era um obser-

vador do domingo como dia sagrado e que apenas frequentava a sinagoga ao Sábado por razões estratégicas de missão. De facto, por que razão esperou ele uma semana inteira para se voltar a reunir no Sábado seguinte com os Judeus, Prosélitos e Tementes a Deus, tanto mais que eles demonstraram grande interesse imediato no que Paulo tinha para lhes dizer (Atos 13:43)?² Caso o domingo fosse o novo dia de adoração dos Cristãos, Paulo poderia, logicamente, ter convidado os seus interessados ouvintes para se reunirem com ele no domingo imediatamente seguinte. Isso não aconteceu. Na verdade, Lucas relata que “no sábado seguinte reuniu-se quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus” (Atos 13:44, *AEC*). Dada a dimensão da cidade de Antioquia da Pisídia, isto implica uma enorme multidão, que se terá reunido num local mais amplo, diferente da sinagoga.³ Este versículo também é interessante porque demonstra que Paulo não só não promoveu o domingo, como usou

Este versículo [Atos 13:44] também é interessante porque demonstra que Paulo não só não promoveu o domingo, como usou este segundo Sábado para evangelizar quase toda uma cidade de gentios.

este segundo Sábado para evangelizar quase toda uma cidade de gentios. Fica assim provado que Paulo usava também o Sábado para evangelizar gentios sem quaisquer antecedentes judaicos. Estes habitantes de Antioquia da Pisídia não eram Prosélitos ou Tementes a Deus, isto é, não estavam ligados à sinagoga e ao Judaísmo. Eles eram pagãos puros: Romanos, Gregos e Frígios.⁴ No entanto, foi no Sábado que Paulo os evangelizou.

O SÁBADO EM FILIPOS

A segunda referência à observância do Sábado por parte de Paulo ocorre na visita que o apóstolo fez à cidade macedônica de Filipos. Lucas descreve assim a cena: “No dia de sábado saímos fora das portas, para a beira do rio, onde julgávamos haver um lugar para oração, e, assentando-nos, falámos às mulheres que ali se reuniram” (Atos 16:13, *AEC*). Este versículo deixa perceber que não havia uma sinagoga em Filipos.

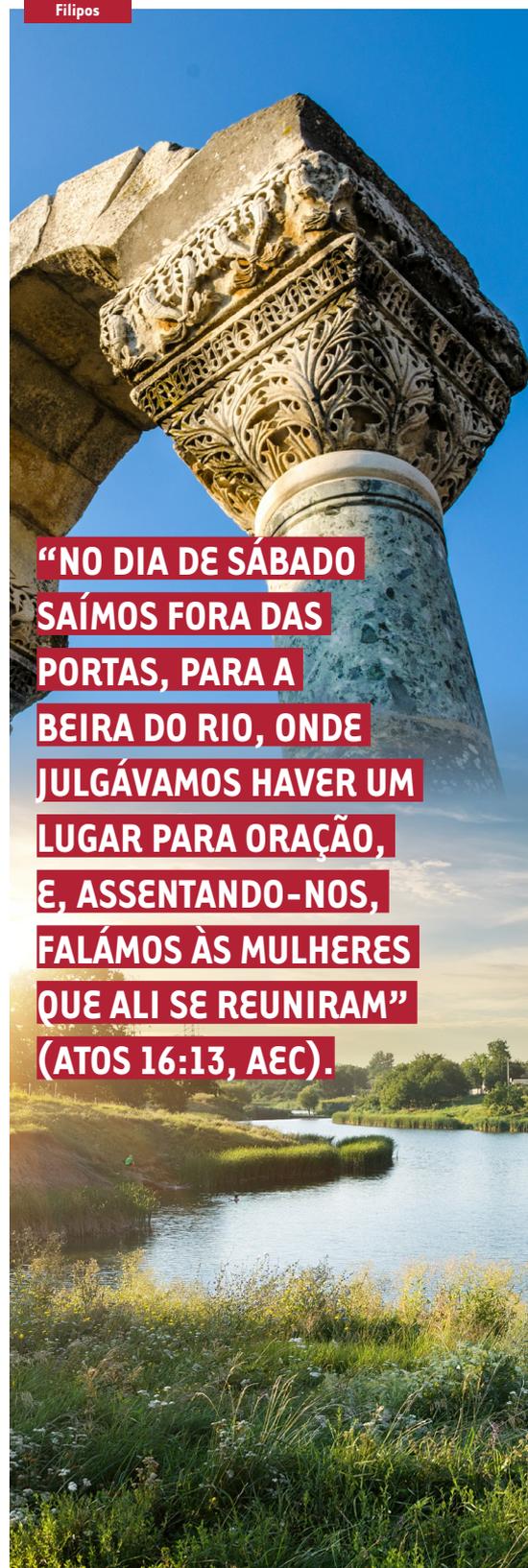
Primeiro, porque Lucas fala simplesmente de “um lugar para oração” que se encontrava junto de um rio situado nas proximidades da cidade. Ele não fala claramente na existência de uma “sinagoga” (*sunagôgê*), como faz noutras passagens semelhantes do livro de Atos quando se refere a um edifício erigido ou a uma instituição estabelecida para o culto judaico (*e.g.*, Atos 13:14, 17:1, 18:4). Na verdade, este é o único uso da expressão “lugar para oração” (*proseuchê*) no livro de Atos e no Novo Testamento. O uso singular desta expressão conjugado com as circunstâncias em que ela é usada – a referência a um grupo de mulheres reunidas junto a um rio fora da cidade – milita poderosamente a favor da tese de que não havia sinagoga em Filipos.

Segundo, porque Lucas afirma explicitamente que Paulo e os seus companheiros encontraram reunidas nesse “lugar para oração” apenas “mulheres”. Nós sabemos que os costumes Judaicos requeriam que houvesse um número mínimo de dez homens Judeus para se fundar uma sinagoga. Assim, ao ser referida apenas a existência de adoradoras em Filipos, tudo indica que não havia esse número mínimo de Judeus do sexo masculino na cidade. Logo, não podia haver uma sinagoga.⁵

No entanto, a inexistência de sinagoga em Filipos não impediu Paulo e os seus colaboradores de observarem o Sábado e de comunicarem o evangelho de modo informal àquelas mulheres devotas, as quais, provavelmente, eram Proséлитas ou Tementes a Deus, e não Judias.⁶ Esta última ilação

retira-se do facto de que não existiam homens Judeus presentes, pelo que estas mulheres não estariam casadas com Judeus, não sendo assim Judias. Além disso, a referência à conversão de Lídia, “a vendedora de púrpura”, deixa perceber que estas mulheres eram realmente Prosélitas ou Tementes a Deus, e não Judias. Pois é dito de Lídia, uma gentia originária da cidade gentílica de Tiatira, que ela “servia a Deus” (Atos 16:14, *AEC*), isto é, que ela pertencia ao grupo dos Prosélitos e dos Tementes a Deus, que frequentavam o culto Judaico e que seguiam (em grau variável) os preceitos do Judaísmo, mas que não eram de origem étnica Judaica.

Sendo esta a situação, fica claro que Paulo e os seus companheiros escolheram adorar e pregar o evangelho no Sábado, apesar de não haver Judeus e sinagoga na cidade a que tinham chegado há alguns dias (Atos 16:12). Assim, percebe-se que Paulo era um observador do Sábado, mesmo quando isso não lhe trazia qualquer vantagem para a missão dos Judeus. Isto é também revelado, como já dissemos anteriormente, pelo uso renovado que Lucas faz da significativa expressão grega *têémératôn Sabbatôn* (Atos 16:13), que significa, literalmente, “no dia que é o Sábado”. Foi precisamente “no dia que é o Sábado” – isto é, o dia cuja observação é imposta pelo Decálogo (Êxodo 20:8-11) – que o apóstolo e os seus acompanhantes escolheram adorar Deus junto ao rio, sítio que proporcionava um local aprazível para o efeito. Portanto, Atos 16:13 é um texto crucial, pois mostra que Pau-



Filipos

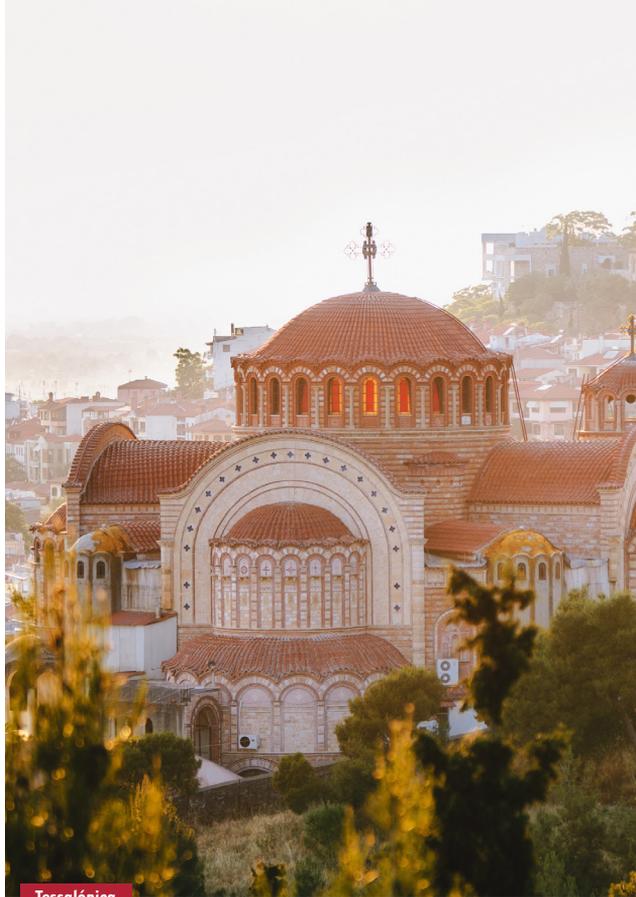
**“NO DIA DE SÁBADO
SAÍMOS FORA DAS
PORTAS, PARA A
BEIRA DO RIO, ONDE
JULGÁVAMOS HAVER UM
LUGAR PARA ORAÇÃO,
E, ASSENTANDO-NOS,
FALÁMOS ÀS MULHERES
QUE ALI SE REUNIRAM”
(ATOS 16:13, AEC).**

lo adorava no Sábado porque era um observador do quarto mandamento do Decálogo e que ele não se servia do Sábado tendo apenas em vista a evangelização dos Judeus.

O SÁBADO EM TESSALÓNICA

A terceira menção à observância do Sábado por parte de Paulo surge no contexto do ministério do apóstolo na cidade gentílica de Tessalónica. Lucas relata o seguinte: “Tendo passado por Anfípolis e Apolónia, chegaram a Tessalónica, onde havia uma sinagoga dos Judeus. Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles, e por três sábados discutiu com eles sobre as Escrituras. [...] Alguns deles creram e juntaram-se com Paulo e Silas, e também grande multidão de gregos devotos, e não poucas mulheres de posição” (Atos 17:1, 2, 4, *AEC*).

Este texto é muito importante porque indica que Paulo tinha “o costume” (*eiôthos*) de ir à sinagoga e de anunciar o evangelho ao Sábado. Para se compreender bem esta menção do “costume” do apóstolo, devemos ter em consideração a passagem de Lucas 4:16, outro texto da autoria de Lucas, em que este usa uma expressão idêntica – “segundo o seu costume” (*kata to eiôthos*) – para caracterizar a prática cultural de Jesus.⁷ O texto diz o seguinte: “Chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou, num dia de sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler.” Note-se que este Sábado é o primeiro Sábado referido no decurso do ministério público de Jesus. No entanto, constatou-se que Jesus já tinha formado o



Tessalónica

costume de frequentar a sinagoga ao Sábado, não sendo assim esse costume o resultado de qualquer estratégia tendo em vista a prossecução do seu ministério de pregação da boa nova do reino. O texto citado permite-nos mesmo compreender que Jesus estava acostumado a frequentar a sinagoga ao Sábado desde os tempos em que era apenas um anónimo habitante de Nazaré, “onde fora criado”. Que o costume da ida de Jesus à sinagoga ao Sábado não estava ligado a razões missiológicas infere-se do facto de, no grego, a frase “entrou, num dia de sábado, na sinagoga, segundo o seu costume” e a frase seguinte “levantou-se para ler” estão separadas pela conjunção “e” (*kai*), que – de acordo com os princípios gramaticais do gre-



**“TENDO PASSADO
POR ANFÍPOLIS E
APOLÓNIA, CHEGARAM
A TESSALÓNICA, ONDE
HAVIA UMA SINAGOGA
DOS JUDEUS. PAULO,
COMO TINHA POR
COSTUME, FOI TER
COM ELES, E POR TRÊS
SÁBADOS DISCUTIU
COM ELES SOBRE AS
ESCRITURAS.” (ATOS
17:1 E 2, AEC).**

go – serve para unir duas proposições *independentes*. Portanto, o costume de Jesus de ir ao Sábado à sinagoga era independente de qualquer intenção ministerial da sua parte. Jesus tinha o costume de ir à sinagoga ao Sábado porque queria adorar Deus nesse dia e o culto institucional da sinagoga no Sábado permitia-lhe fazer isso mesmo. Ora, esta conclusão sobre o significado da expressão “segundo o seu costume” (*kata to eiôthos*) no relato lucano sobre Jesus aplica-se igualmente à mesma expressão usada por Lucas na experiência de Paulo em Tessalónica narrada em Atos 17:2. Tal como em Lucas 4:16, a primeira proposição “Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles” está separada da proposição seguinte “por três sábados discu-

tiu com eles sobre as Escrituras” pela mesma conjunção “e” (*kai*). Isto indica que se trata de duas afirmações independentes. O “costume” que Paulo tinha de ir à sinagoga ao Sábado era independente do desígnio de discutir sobre o evangelho com os Judeus.⁸ Portanto, podemos concluir que a adoração no Sábado era um aspeto costumeiro da experiência espiritual do apóstolo Paulo e não dependia de qualquer estratégia missionária para alcançar os Judeus.

Aliás, Paulo não evangelizava apenas os Judeus no Sábado, mas também os “Gregos devotos” simpatizantes do Judaísmo. Assim, não se pode afirmar com seriedade que o Sábado era apenas um dia usado estrategicamente por Paulo para evangelizar os Judeus. É verdade que o apóstolo aproveitava – como não podia deixar de fazer – a sua ida à sinagoga para alcançar os seus compatriotas, mas esse não era o seu primeiro motivo para frequentar costumeiramente a sinagoga ao Sábado. O seu primeiro motivo era adorar Deus no Seu dia sagrado.

O SÁBADO EM CORINTO

A última referência à observância do Sábado por parte de Paulo está ligada à longa estadia do apóstolo na cidade grega de Corinto. É-nos dito que Paulo se instalou nessa cidade na companhia de Áquila e Priscila, um casal que tinha o mesmo ofício que ele. Durante a sua estadia em Corinto, Paulo dividiu o seu tempo entre a proclamação do evangelho ao Sábado e o trabalho de fazer tendas durante a semana (Atos 18:1-3).⁹ Assim, Lucas informa-nos que “to-



**LUCAS ESCREVE
QUE “MUITOS DOS
CORÍNTIOS, OUVINDO-O
[A PAULO], CRERAM
E FORAM BATIZADOS”
(ATOS 18:8, AEC).**

dos os sábados ele discutia na sinagoga, e convencia a judeus e a gregos” (Atos 18:4, *AEC*). Este texto é importante por duas razões.

Primeira, porque ele revela que Paulo frequentava habitualmente a sinagoga de Corinto ao Sábado. Lucas não nos esclarece durante quantos Sábados o apóstolo discutiu o evangelho na sinagoga. O facto de ele ter habitado em Corinto durante “um ano e seis meses” (Atos 18:11) e o facto de Lucas dizer que Paulo estava na sinagoga “todos os Sábados” (*kata pan sabbaton*) permite-nos deduzir que a frequência da sinagoga de Corinto pelo apóstolo foi bastante demorada. Provavelmente, não poderemos inferir que Paulo frequentou a sinagoga durante os 78 Sábados da estadia em Corinto por “um ano e seis meses”, porque, entretanto, ele foi forçado a deixar de estar presente no culto da sinagoga, dada a desavença provocada pelos Judeus desafetos (Atos 18:5-7). No entanto, é certo que Paulo participou do culto na sinagoga de Corinto durante um número muito considerá-

vel de Sábados.¹⁰ Ora, se Paulo não fosse um guardador do Sábado, ele certamente não teria continuado a frequentar a sinagoga durante tanto tempo. Note-se que Paulo deixou de frequentar a sinagoga apenas porque isso se tornou impraticável, uma vez que parte dos Judeus se opôs à sua defesa da fé cristã.

Segunda, este texto também prova que Paulo evangelizava ao Sábado não apenas os “Judeus”, como é sustentado pelos adeptos do domingo, mas também os “Gregos”.¹¹ Estes Gregos, frequentadores da sinagoga, seriam Prosélitos ou Tementes a Deus e eram também o alvo da missão de Paulo. Eles não tinham uma ascendência Judaica. Para além destes Gregos adeptos do Judaísmo, o apóstolo certamente evangelizou muitos Gregos que não tinham qualquer ligação com a fé Judaica. E fê-lo com toda a probabilidade nos Sábados. Isso pode ser deduzido da declaração que Lucas faz sobre o efeito do ministério de Paulo. Ele escreve que “muitos dos coríntios, ouvindo-o, creram e foram



batizados” (Atos 18:8, *AEC*), o que confirmou a declaração de Cristo, revelada a Paulo numa visão, de que Ele tinha “muito povo nesta cidade” (Atos 18:10, *AEC*). Este povo de Deus era, pois, constituído maioritariamente por cidadãos gregos da cidade de Corinto que creram no evangelho anunciado por Paulo.

CONCLUSÃO

Terminamos, assim, o nosso estudo do livro de Atos dos Apóstolos. Podemos concluir da análise das perícopes textuais pertinentes que Paulo e os seus companheiros de ministério eram ob-

servadores do Sábado bíblico. O apóstolo evangelizava Gentios no Sábado, participava costumeiramente no serviço de culto da sinagoga no Sábado e adorava no Sábado mesmo quando não havia sinagoga. Este padrão comportamental não se coaduna com a tese, defendida pelos observadores do domingo, de que Paulo observava o Sábado apenas como estratégia missionária para alcançar os Judeus.

Assim sendo, é evidente que o Sábado era o dia de culto da Igreja Apostólica, isto é, da Igreja Cristã do primeiro século da nossa era. De facto, não é crível que a prática cultural de Paulo estivesse em dissonância com a prática cultural da Igreja do seu tempo. Portanto, podemos também concluir que a observância do domingo não tinha lugar entre a primeira geração de Cristãos. Os Cristãos apostólicos eram observadores do Sábado. Assim, dado que a fé da Igreja Cristã Apostólica, registrada nas Escrituras Sagradas, estabelece a norma da fé Cristã, se quisermos ser achados fiéis por Deus devemos seguir o exemplo dos Cristãos apostólicos. O Sábado deve ser, também, observado e santificado por nós.

1

Carl R. Holladay, *Acts: A Commentary* (New Testament Library), Louisville: Westminster John Knox Press, 2016, p. 263. Kim Papaioannou, “Day of Worship Patterns in the Book of Acts”, *Ministry* 88(4), April 2016, p. 13.

2

I. Howard Marshall, *Atos: Introdução e Comentário*, São Paulo: Edições Vida Nova, 2011, p. 218.

3

Holladay, *Acts*, p. 281. Eckhard J. Schnabel, *Acts* (Zondervan Exegetical Commentary on the New Testament), Grand Rapids: Zondervan, 2012, p. 586.

4

David J. Williams, *Atos* (Novo Comentário Bíblico Contemporâneo), São Paulo: Editora Vida, 1996, p. 259. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980, vol. VI, p. 291.

5

Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, p. 329. Marshall, *Atos*, p. 252. Richard P. Thompson, *Acts: A Commentary in the Wesleyan Tradition* (New Beacon Bible Commentary), Kansas City: Beacon Hill Press, 2015, p. 278. Holladay, *Acts*, p. 320. Williams, *Atos*, p. 311.

6

Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, p. 329. Marshall, *Atos*, p. 252.

7

Williams, *Atos*, p. 324.

8

Kim Papaioannou, “Day of Worship Patterns in the Book of Acts”, p. 14.

9

Thompson, *Acts*, p. 303. Williams, *Atos*, p. 345.

10

Schnabel, *Acts*, p. 757.

11

Marshall, *Atos*, p. 276.



Tom Shepherd
Teólogo

*Retirado de Gerhard Pfandl
(ed.), Interpreting Scripture,
Silver Spring: Biblical Research
Institute, 2010.*

IRÃO OS ÍMPIOS ARDER PARA SEMPRE NO INFERNOS?

*“Estes serão enviados
para o castigo eterno,
enquanto os que
fizeram o bem irão
para a vida eterna”
(Mateus 25:46, BpT).*

Este texto usa a palavra “eterno” duas vezes. Na primeira vez, ela é aplicada ao castigo dos ímpios. Na segunda vez, ela refere-se à vida eterna dos justos. Se “vida eterna” significa vida sem fim, não deveria o “castigo eterno” também não ter fim?

AS OVELHAS E OS BODES

Mateus 25:46 é a conclusão da parábola de Jesus sobre as ovelhas e os bodes (Mateus 25:31-46). Esta história descreve a Segunda Vinda do Senhor, quando Ele divide “as nações”¹ em dois grupos distintos: as ovelhas e os bodes. As ovelhas são identificadas duas vezes na história como sendo os justos (vs. 37 e 46). Os bodes nunca são identificados especificamente, embora eles sejam obviamente um grupo oposto ao grupo das ovelhas. Tanto as ovelhas como os bodes se dirigem a Jesus usando o termo “Senhor” e, na verdade, dão respostas bastante semelhantes às palavras que Cristo lhes dirige.

Jesus dirige-se primeiro às ovelhas, chamando-as “bem-aventuradas” e convidando-as a entrar no reino preparado para elas desde a fundação do mundo. Elas são convidadas a entrar porque cuidaram de Cristo na pessoa dos pobres e dos necessitados. Por outro lado, os bodes são chamados “malditos”² e são condenados ao “fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos” (v. 41). A razão para este juízo duro lançado sobre os bodes é a sua falta de preocupação com os pobres e com os necessitados, o que, segundo Jesus, equivale a não O terem servido ou ajudado.

DUAS ABORDAGENS DA VIDA

Podemos ver que Jesus apresenta dois destinos muito contrários, baseados em duas abordagens da vida neste mundo muito diferentes. Aqueles que abençoam e ajudam os outros com o seu tempo e os seus recursos enca-

minham-se para um reino eterno de alegria e bênção. Aqueles que negligenciam ajudar os outros à sua volta não só não percebem as necessidades destes “pequenos” indivíduos, mas também não percebem o facto de que, ao assim procederem, estão a negligenciar o próprio Jesus.³ Jesus disse que eles se encaminham para algo que Deus nunca destinou para os seres humanos – o castigo eterno.

CASTIGO ETERNO

Mas o que é exatamente este “castigo eterno” para o qual os bodes estão destinados? O termo “castigo” usado aqui é *kolasís*, uma palavra algo rara no Novo Testamento, usada apenas em Mateus 25:46 e em I João 4:18. Ela vem de uma raiz que significa “aparar”, “mutilar”, “punir”, “castigar”. Ela transmite a ideia de se cortar o que é desnecessário. Ser punido por Deus é ser cortado. É um dos ensinamentos das Escrituras que os ímpios serão punidos pelo Todo-Poderoso (Gênesis 6-9; Ezequiel 18; Romanos 1; Hebreus 10:29; II Pedro 2:9; Apocalipse 20). Mas isto não nos preocupa tanto como nos preocupa a ideia de um castigo que continua por toda a eternidade. Assim, a palavra “eterno” é a palavra crucial na frase “castigo eterno”.

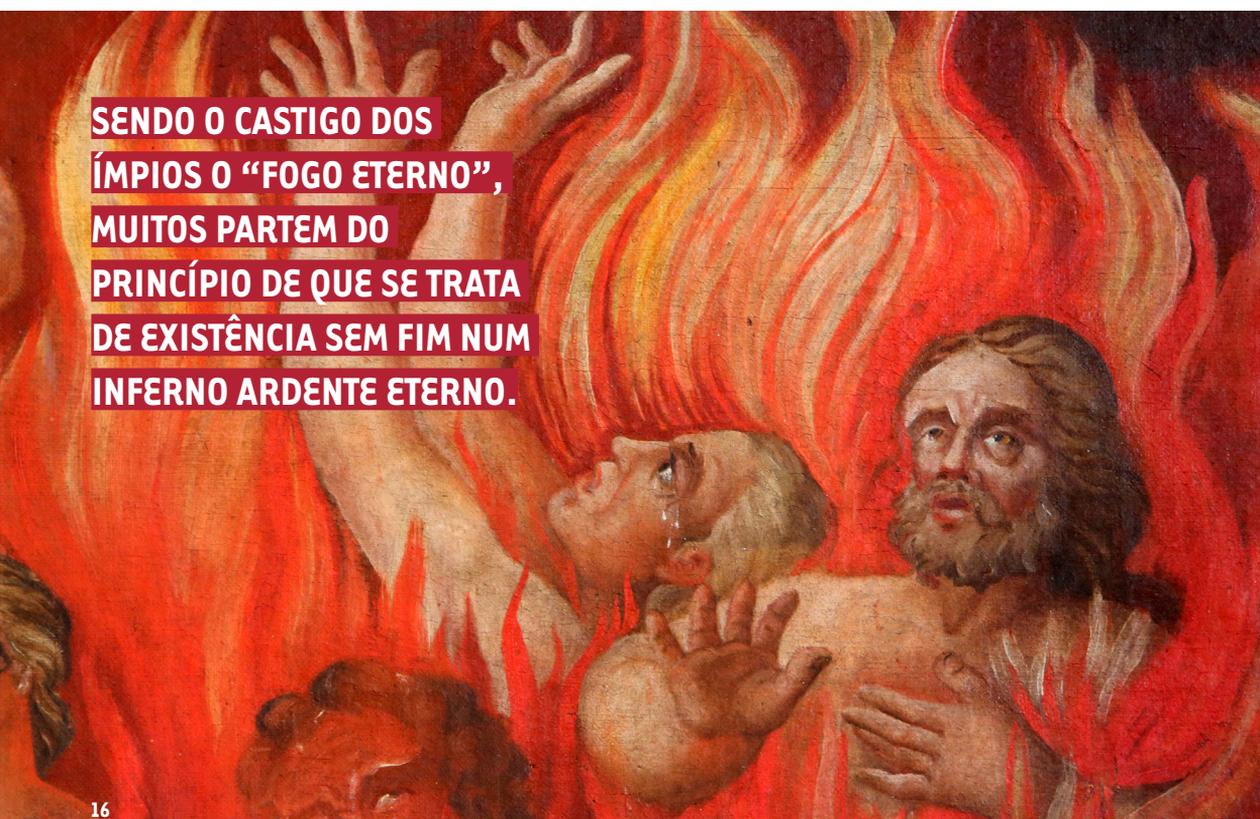
O termo “eterno” usado aqui é *aionios*. A sua palavra correspondente no hebreu é a palavra *’olam*. Ambos os termos podem significar “eterno” ou “durante uma vida, enquanto dura a vida”, dependendo da ideia a que eles se aplicam. Em Êxodo 21:6, um servo que ama o seu senhor poderá servi-lo *’olam* (para sempre = toda a vida). Em

Judas 7 Sodoma e Gomorra sofrem o castigo do fogo *aionios* (fogo eterno). Obviamente, Sodoma e Gomorra já não estão a arder; portanto, o fogo era eterno apenas no sentido de determinar um resultado final, não no sentido de ser um fogo que ainda arde ou que arderá pela eternidade.

Isto leva à questão sobre o modo como o termo *aionios* é usado em Mateus. Ele usa o termo “eterno” seis vezes (18:8; 19:16, 29; 25:41, 46 [2x]). Três vezes o termo é ligado a “vida” (dando “vida eterna”) e três vezes é ligado a “fogo” ou a “castigo”. A vida eterna é a recompensa dos justos e indica claramente uma existência sem fim. Sendo o castigo dos ímpios o “fogo eterno”, muitos partem do princípio de que se trata de existência sem fim num Inferno ardente eterno.

FOGO ETERNO

No entanto, um exame mais aproximado do uso que Mateus faz do termo “fogo” sugere outra perspectiva. Mateus usa doze vezes a palavra “fogo” (*pyr* em grego).⁴ Quase todas estas ocorrências estão ligadas com a ideia de juízo. Especialmente instrutivas são as metáforas agrícolas usadas por João Batista em Mateus 3:10-12 e por Jesus na parábola do trigo e do joio em 13:24-30, 36-43. Em ambos os casos há uma divisão que é feita entre os bons e os maus. Os bons são preservados, enquanto os maus são queimados no fogo. O termo “queimar” em grego é *katakaio*, que significa “consumir”, “queimar”. A palha (3:10-12) ou o joio (13:36-43) são consumidos por um fogo impossível de apagar (3:12). Não é a palha ou o joio que duram para sempre. Dado que



SENDO O CASTIGO DOS ÍMPIOS O “FOGO ETERNO”, MUITOS PARTÊM DO PRINCÍPIO DE QUE SE TRATA DE EXISTÊNCIA SEM FIM NUM INFERNO ARDENTE ETERNO.

eles são combustíveis, são inteiramente consumidos. Mas o fogo é eterno nos seus efeitos. (Cf. Marcos 9:42-50 com a sua referência ao verme que não morre e ao fogo que não se extingue.)⁵ É instrutivo notar que Jesus não chama “eternos” aos ímpios, mas “eterno” ao fogo. Os ímpios são consumidos pelo fogo eterno (tal como a palha e o joio) e o efeito é *um castigo eterno, não um castigar eternamente*.

A QUESTÃO DA IMORTALIDADE

A conclusão acima indicada é apoiada pelo facto de que os justos irão receber a imortalidade apenas por ocasião da primeira ressurreição (I Coríntios 15:50-54). Portanto, a “vida eterna” será uma vida sem fim (Apocalipse 21:4), enquanto os injustos, que não têm nem recebem a imortalidade (Eclesiastes 9:5 e 6; II Tessalonicenses 2:9 e 10), não podem sofrer eternamente porque são mortais. O seu castigo é a segunda morte (Apocalipse 2:11; 20:6, 14; 21:8). Embora os justos possam antecipar uma vida de eterna ventura, a expectativa dos ímpios é o fogo do juízo que os consumirá (Hebreus 10:27).

¹ Este termo no Novo Testamento refere-se frequentemente aos gentios. No entanto, neste ponto de Mateus parece incluir toda a Humanidade, incluindo Israel e a Igreja. Cf. Donald Hagner, *Matthew 14-28*, Word Biblical Commentary, vol. 33B, Dallas, TX: Word Books, 1995, p. 742.

² O termo grego é uma forma do verbo *kataoimai*, que significa “amaldiçoar”. É usado apenas aqui em Mateus, mas também aparece em Marcos 11:21, Lucas 6:28, Romanos 12:14 e Tiago 3:9. Compare com o conceito de se ser amaldiçoado por Deus em Deuterónimo 21:23.

³ Podemos objetar que a história nada diz sobre a salvação pela graça mediante a fé, sem as obras (Efésios 2:8 e 9), e, de facto, parece sugerir a salvação pelas boas obras em favor dos necessitados. Mas esta conclusão seria uma perfeita incompreensão tanto de Jesus, como de Paulo. A perspectiva bíblica sobre a natureza humana sustenta que nós nos comportamos na nossa vida de acordo com aquilo que temos no nosso interior (cf. Mateus 7:15-20: “Pelos seus frutos os conhecereis”). Paulo sugere o mesmo em Efésios 2:8-10, onde a fé é seguida pelas boas obras que Deus preparou antecipadamente para que nós nelas andássemos (cf. também

Tiago 2:14-26). É um ensino claro das Escrituras que seremos julgados pelas nossas obras (II Coríntios 5:10; 16:27; Provérbios 24:12).

⁴ Mateus 3:10, 11 e 12; 5:22; 7:19; 13:40, 42, 50; 17:15; 18:8 e 9; 25:41.

⁵ A menção que Jesus faz ao verme que não morre e ao fogo inextinguível, relacionando-os com o castigo dos ímpios, cita Isaías 66:24. As duas imagens transmitem a mesma mensagem: o verme não morrerá e o fogo não será extinto até que o cadáver seja totalmente consumido, isto é, até que a destruição dos ímpios seja total.

O castigo envolverá a destruição pelo fogo, mas o próprio fogo, embora eterno nos seus efeitos, não irá arder para sempre, porque os ímpios não são imortais (cf. Malaquias 4:1-3).

SUMÁRIO

Juntando tudo o que dissemos podemos concluir que o castigo que os ímpios recebem é algo que eles trazem sobre si mesmos ao negligenciarem os necessitados que estão ao seu redor. Isto liga-os ao diabo e aos seus anjos, destinando-os a receber o justo castigo da parte de Deus. O castigo envolverá a destruição pelo fogo, mas o próprio fogo, embora eterno nos seus efeitos, não irá arder para sempre, porque os ímpios não são imortais (cf. Malaquias 4:1-3).

A SUA RELIGIÃO E O MEIO AMBIENTE

Você e os outros seres humanos são distintos do meio ambiente, estão ligados a ele ou fazem parte dele?

—
Howard Fisher
Escritor freelancer

*Retirado da revista Signs of
the Times de setembro 2010.*

É o meio ambiente algo que está fora do edifício em que se encontra agora? Se está ao ar livre, existe alguma fronteira entre você e o meio ambiente? Você e os outros seres humanos são distintos do meio ambiente, estão ligados a ele ou fazem parte dele?

Pense em pouco sobre isto: o seu corpo é constituído por 60 por cento de água. Para a maior parte de nós essa água sai de uma torneira no fim de uma canalização que remonta a uma barragem que foi cheia por um rio alimentado por chuva que provém do mar. Isto significa que você está intimamente ligado à chuva, aos rios e ao mar. Eles fazem parte de si. Os outros 40 por cento que constituem o seu corpo são provenientes de tudo o que come – coisas que crescem no solo ou no mar e que são energizadas pelo Sol.

No seu livro *The Sacred Balance: Rediscovering our Place in Nature* (*O Equilíbrio Sagrado: Redescobrimo o nosso lugar na Natureza*), David Suzuki escreveu: “Você e eu não terminamos na ponta dos nossos dedos ou na nossa pele – estamos ligados através do ar, da água e do solo; somos animados pela mesma energia vinda da mesma fonte no céu por cima de nós. Somos literalmente ar, água, solo, energia e somos participados por outras criaturas vivas.”

O QUE É O MEIO AMBIENTE?

Podemos dizer que o meio ambiente é um sistema intimamente interconectado de seres vivos e de componentes físicos da atmosfera, do solo, das rochas e da água do Planeta. Não estamos separados deste meio ambiente. Cada um de nós faz parte dele.

PODEMOS DIZER QUE O MEIO AMBIENTE É UM SISTEMA INTIMAMENTE INTERCONECTADO DE SERES VIVOS E DE COMPONENTES FÍSICOS DA ATMOSFERA, DO SOLO, DAS ROCHAS E DA ÁGUA DO PLANETA.

Infelizmente, a maior parte de nós vive e trabalha em edifícios, em cidades ou noutros ambientes altamente modificados, pelo que tendemos a ignorar a nossa conexão íntima com os sistemas naturais do Planeta e o nosso impacto neles.

A tecnologia permitiu-nos dominar a maior parte do mundo ao nosso redor. Por exemplo, considere a energia. Começámos por domesticar o poder do fogo. Depois foram os cavalos, a seguir os combustíveis fósseis e, mais recentemente, a energia nuclear. Nós, os seres humanos, usámos todas estas fontes de energia para suplementar o trabalho dos nossos músculos. A capacidade de usar estas fontes de energia externas concedeu-nos a capacidade de modificar muito do meio ambiente de acordo com os nossos propósitos.

Os seres humanos também parecem ser a única espécie na Terra com uma capacidade moral. Embora existam provas de comportamento altruísta nalgumas espécies de primatas, os seres humanos destacam-se claramente



te neste aspeto. Temos um sentido de responsabilidade face a nós mesmos, à nossa família, aos nossos vizinhos, à nossa comunidade, à nossa nação e também face às pessoas que estão além das nossas fronteiras políticas. Também podemos sentir-nos responsáveis perante as outras espécies do mundo. Assim, encontramos sociedades para proteger os animais da crueldade humana, organizações de resgate de vida selvagem e outras organizações que tentam evitar a perda de espécies resultante da nossa dominação do Planeta.

Alguns dos argumentos mais comuns para se defender a proteção do meio ambiente têm, em última análise, uma motivação egoísta. Se não tomarmos conta da nossa casa, acabaremos por sofrer a longo prazo. Mas também há forte evidência bíblica de que nós deveríamos cuidar do meio ambiente.

Infelizmente, o fardo dos estragos feitos ao meio ambiente é suportado desproporcionadamente pelos pobres, pelos necessitados e pelos grupos minoritários. Por outro lado, a responsabilidade pela maioria dos estragos ambientais assenta desproporciona-

damente sobre os ricos. A garantia de justiça para os indigentes é um tema comum na Bíblia, especialmente no Antigo Testamento.

FALANDO EM TERMOS ESPIRITUAIS

Isto traz-nos ao tema da dimensão espiritual do nosso cuidado com o mundo natural. Depois de ter criado o mundo, Deus atribuiu aos nossos primeiros pais uma tarefa. Ele ordenou-lhes – e a nós: “dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (Génesis 1:28). Deus também encarregou os primeiros humanos de “lavrar [o jardim] e o guardar” (Génesis 2:15) – uma clara instrução para se cuidar do Jardim do Éden e, por implicação, de toda a Terra. Este governo do mundo e dos seus seres vivos não nos dá permissão para os explorar. Significa que devemos protegê-los.

Poderá objetar que Deus não mencionou que temos o dever de cuidar da atmosfera, do solo, das plantas, dos oceanos, dos rios e dos lagos. Mas cuidar dos animais requer que cuidemos de tudo o mais, porque tanto os

Este governo do mundo e dos seus seres vivos não nos dá permissão para os explorar. Significa que devemos protegê-los.

seres humanos como os animais estão dependentes dessas coisas para a sua saúde e para a sua sobrevivência.

Apocalipse 14:7 fala-nos de um anjo que voa pelo meio do céu e que diz “com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é vinda a hora do seu juízo, e adorai aquele que fez o céu, e a terra e o mar, e as fontes das águas.”

Como é que adoramos Aquele que fez a Natureza ou o meio ambiente? Certamente que essa adoração não é feita pela contribuição para a insensata poluição da atmosfera terrestre, do mar e das fontes das águas; pela contribuição para a exterminação das espécies; e pela contribuição para a degradação dos solos.

Cada semana, milhões de Cristãos reúnem-se em igrejas ao redor do mundo para adorarem Deus. Pergunte-lhes por que fazem isso, e a maioria responderia: “Porque é Sábado, o dia em que nos lembramos do Criador.” Esta resposta está baseada no quarto Mandamento do Decálogo escrito em Êxodo 20:8-11. Mas a versão que se encontra em Deuterónimo 5:12-15 diz-nos que devemos observar o Sábado porque fo-

mos remidos da escravidão. *Então, que aqueles que foram remidos da escravidão não escravizem a Criação tendo em vista os seus fins egoístas.*

Considere outra passagem paralela retirada de Apocalipse: “Iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, ... e o tempo de destruíres os que destroem a Terra” (Apocalipse 11:16-18 – ênfase acrescentada).

O QUE SIGNIFICA ISTO

Qual é a causa desta destruição da Terra? Numa palavra, é o desejo de riqueza! Nós, que vivemos no mundo Ocidental, encontramos-nos entre os 10% dos habitantes da Terra que são as pessoas mais ricas, e muitos de nós encontramos-nos mesmo entre o 1% dos habitantes mais ricos do mundo. Essencialmente, o excesso de consumo – o hábito dos mais ricos – é o primeiro culpado pela destruição da Terra. Isso faz de mim, e de si também, responsáveis pela situação. Nós transportamos bens e pessoas para todas as partes do mundo, nós fazemos um uso desmedido da energia derivada de combustíveis fósseis, nós utilizamos práticas agrícolas inapropriadas (incluindo a produção excessiva de carne para a alimentação), os nossos desejos exigem o abate de florestas – a lista de comportamentos negativos é enorme.

Como diz o personagem Pogo na banda desenhada criada por Walt Kelly: “Encontrámos o inimigo, e esse inimigo somos nós!”

Não destrua a Terra. Mas, se o fizer, Deus não terá de o destruir. Você ter-se-á destruído sozinho.

SACRIFICAR-SE EM PROL DA CAUSA DE DEUS

O compromisso incondicional e o autossacrifício em prol da Causa que abraçaram impulsionavam os nossos primeiros missionários Adventistas.



Alberto R. Timm
Diretor-Associado do
Ellen G. White Estate

*Retirado da revista Ministry
de agosto de 2020.*

O compromisso incondicional e o autossacrifício em prol da Causa que abraçaram impulsionavam os nossos primeiros missionários Adventistas. Por exemplo, W. H. Anderson (1870-1950), enquanto ainda era um estudante na Faculdade de Battle Creek, no Michigan, ansiava estar já no campo missionário. Em 1895, ele casou com Nora Haysmer e, pouco depois disso, o jovem casal despediu-se dos seus entes queridos e iniciou a sua longa viagem até à Cidade do Cabo, na África do Sul. Dali, viajaram de comboio com um pequeno grupo de missionários cerca de 1300 quilómetros até Mafeking e mais 950 quilómetros num carro de bois até Matabeleland, na Rodésia do Sul (hoje Zimbabué). Foi ali que eles estabeleceram a Missão Matabele (Solusi).

Mas o seu empreendimento missionário acabou por ser mais custoso do que imaginavam. Primeiro, nuvens de gafanhotos atacaram as suas primeiras plantações. Em março de 1896, irrompeu a Segunda Guerra Matabele, com todos os seus horrores, incluindo a fome. Depois, no início de 1898, um severo surto de malária atingiu a região. Dentro de três meses, cinco membros da pequena equipa de missionários já tinham morrido, três tinham-se deslocado até à Costa Africana, e Anderson e a sua mulher tinham sido os únicos a permanecer na Missão.

No ano seguinte, numa longa viagem, Anderson ficou muito doente. Uma noite, ele disse aos nativos que o tinham acompanhado que, muito provavelmente, não sobreviveria para além dessa noite. Assim, eles deveriam cavar

POR QUE RAZÃO TANTAS PESSOAS SACRIFICARAM OS SEUS RECURSOS E, MESMO, A SUA VIDA POR ESTA CAUSA? QUE LIÇÕES PODEMOS APRENDER COM AS SUAS EXPERIÊNCIAS?

uma sepultura sob uma árvore, cozer uma mortalha com os seus cobertores e enterrá-lo ali. Depois deveriam dizer à sua esposa, ao seu bebé e aos outros missionários que não abandonassem a Obra naquele país apenas porque ele tinha morrido. A sua sepultura ao lado da estrada deveria assinalar o caminho para a vinda de outros missionários até àquele novo território.¹

No entanto, Anderson convalesceu da sua doença. Mas, alguns anos depois, a sua esposa contraiu malária. Ele levou-a até Kimberley, numa longa viagem de 2500 quilómetros por comboio. Nora disse ao seu marido: “Harry, eu quero que apanhes o comboio hoje à noite e que regresse à Missão. Ali estão aqueles rapazes e aquelas raparigas que congregámos na Missão. Quem cuidará deles? Harry, tens de ser tu a fazê-lo.” Com o coração pesado, Anderson empacotou os seus pertences e viajou de comboio de volta à Missão, sem saber se voltava a ver a sua esposa. Um mês depois, ela foi para o Hospital Adventista da Cidade do Cabo. Percebendo que não sobreviveria à doença, escreveu ao seu marido: “Cuida bem de Naomi [a sua filha]; fica na Missão e



Fotografia: Pastor William Harry Anderson e esposa – cerca de 1924 (in *Guiados Por Deus*)

faz com que se realize tudo o que planejamos perante Deus.”²

Refletindo sobre os desafios de levar a mensagem Adventista aos lugares mais remotos do mundo, Anderson declarou em 1919: “Toda a Missão tem o seu cemitério, onde repousam missionários. Por cada novo campo que é aberto para o evangelho planta-se uma sepultura pelo caminho, de modo a direcionar futuros missionários para aquele campo.”³

Por que razão tantas pessoas sacrificaram os seus recursos e, mesmo, a sua vida por esta Causa? Que lições podemos aprender com as suas experiências?

O EXEMPLO ANIMADOR DE CRISTO

Missionários corajosos como W. H. Anderson transformaram a História do mundo ao levarem o evangelho até aos lugares mais remotos do globo. O livro de Hebreus fala sobre aqueles que sofreram pela Causa de Deus como sendo pessoas das “quais o mundo não era digno” (Hebreus 11:38). Mas a força motriz que leva pessoas a dedicarem a sua vida e as suas posses à Causa de Deus é o sacrifício supremo que Cris-

to fez pela raça humana (Filipenses 2:5-11). Comprados pelo Seu sangue, os seguidores de Cristo já não pertencem a si mesmos, mas pertencem-Lhe e pertencem à Sua missão salvífica (I Coríntios 6:19 e 20; Gálatas 2:20).

O apóstolo Paulo expressa isto como sendo a força motivadora de todos os seus empreendimentos missionários. Relembrando a sua experiência dramática na estrada para Damasco (Atos 9:1-9), ele declarou que não foi “desobediente à visão celestial” (Atos 26:19).⁴ Ao escrever à igreja em Corinto, confessa que “o amor de Cristo nos constrange” a sermos, primeiro, reconciliados com Deus e, depois, a sermos “embaixadores de Cristo”, pelo que Paulo pleiteia com os crentes para que tenham a mesma experiência vital (II Coríntios 5:14-21).

Nas suas exortações aos anciãos efésios (veja Atos 20:17-38), Paulo apresenta um dos retratos mais esclarecidos sobre o que é realmente o ministério evangélico. Entre vários outros aspectos, ele revelou a sua atitude altruísta: “De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem o vestido” (v. 33). Também

revelou a sua motivação abnegada: “E agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer. Senão o que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações. Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus” (vs. 22-24).

Poder-se-ia mencionar muitos outros nomes, mas o nome de David Livingstone (1813-1873) destaca-se de um modo especial. Na sexta-feira, 4 de dezembro de 1857, ele realizou uma palestra na Universidade de Cambridge, em Inglaterra. Perto do fim desta palestra, declarou com convicção: “As pessoas falam acerca do sacrifício que fiz ao passar tanto tempo em África. Pode isto ser chamado um sacrifício quando é simplesmente o pagamento de uma pequena parte de uma grande dívida que tenho para com o nosso Deus, que nunca conseguirei pagar? [...] Rejeitem essa palavra [sacrifício] nessa perspectiva e rejeitem esse pensamento! Afirmo enfaticamente que não se trata de um sacrifício. Digam antes que é um privilégio. [...] Eu nunca fiz um sacrifício. Não deveríamos falar assim, quando nos lembramos do grande sacrifício que Ele fez quando deixou o trono do Seu Pai no Alto para Se dar em nosso favor.”⁵

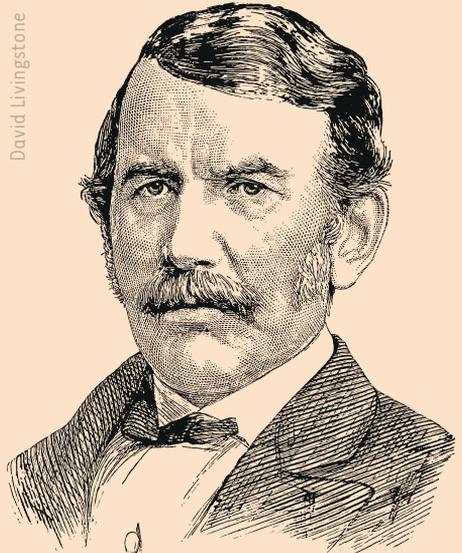
UMA MOTIVAÇÃO RENOVADA

Com estes exemplos inspiradores a desafiar-nos hoje, por que razão temos a tendência de vivermos e de ministrarmos como se a nossa missão estivesse

Mas Ellen G. White diz que o mesmo compromisso e a mesma motivação que compeliram a Igreja apostólica e os pioneiros Adventistas tomarão conta da Igreja no tempo do fim.

já cumprida? Oswald J. Smith (1889-1986) tocou no cerne do problema quando escreveu: “Se ganhar almas é a obra mais importante da Igreja, segue-se naturalmente que Satanás tudo fará para nos desviar ou para nos satisfazer com outra coisa. E é mesmo isso que acontece.”⁶ Mas Ellen G. White diz que o mesmo compromisso e a mesma motivação que compeliram a Igreja apostólica e os pioneiros Adventistas tomarão conta da Igreja no tempo do fim.

No seu livro clássico *O Grande Conflito*, Ellen G. White declara: “A grande obra do Evangelho não deverá encerrar-se com menor manifestação do poder



David Livingstone

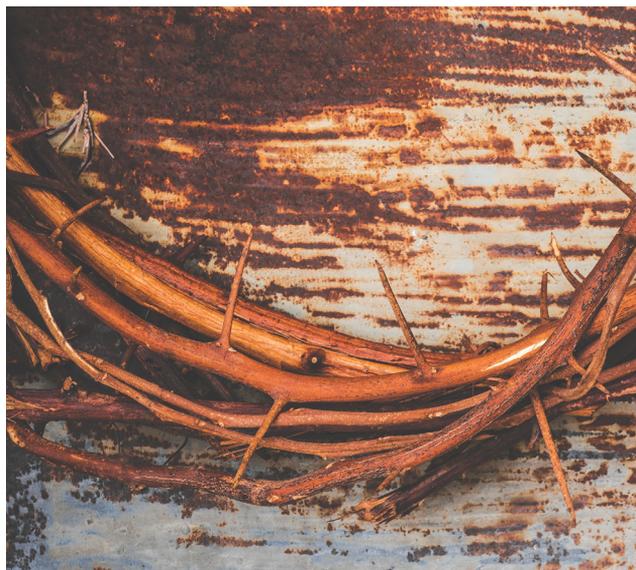
**ELE [CRISTO] ERA O
SOFREDOR INOCENTE,
PELO QUE OUSAREMOS
QUEIXARMO-NOS DE
QUALQUER SACRIFÍCIO
QUE FIZEMOS OU QUE
PODEMOS FAZER?**

de Deus do que a que assinalou o seu início. [...] Servos de Deus, com o rosto iluminado e a resplandecer de santa consagração, apressar-se-ão de um lugar para outro, para proclamar a mensagem do Céu. A advertência será dada por milhares de vozes em toda a extensão da Terra.”⁷ Eis um retrato do derramamento final do Espírito Santo (Joel 2:28-32), quando as pessoas se devotarão, e devotarão os seus meios e as suas posses, plenamente ao Senhor e à Sua Causa.

Infelizmente, há uma forte tendência para colocar este cenário escatológico num futuro bastante distante. Mas, independentemente de quando ele será plenamente realizado, o nosso compromisso pessoal não deveria refletir qualquer procrastinação. Na realidade, “Há uma grande e importante obra a ser realizada em muito pouco tempo. Nunca foi desígnio do Senhor que a lei do sistema de dízimo deixasse de ser considerada entre o Seu povo; em vez disso, porém, pretendia que o espírito de sacrifício se ampliasse e se tornasse mais profundo para a finalização da obra.”⁸

Em 1854, Ellen G. White enviou uma carta à igreja de Bedford, no Mi-

chigan. Ela declarou: “Há em excesso o seguinte sentimento: O meu tempo é meu; mas não é assim. Ele não é nosso; foram comprados por um preço e são soldados, pelo que devem estar sempre a postos, seja este posto onde for, na pátria ou no estrangeiro. A ociosidade e a preguiça são detestadas por Deus. As facilidades e o amor da gratificação própria devem ser vencidos e todos devem ter um espírito de sacrifício. [...] Oh! Aproveite a Cristo sofrer tudo isto para obter um escape para o Homem perdido! Ele era o Sofredor Inocente, pelo que ousaremos queixarmo-nos de qualquer sacrifício que fizemos ou que podemos fazer? Murmuraremos quando sofreremos algo por causa dos nossos pecados? Oh, não! Ambicionemos ter a nossa parte de sofrimento. Irmãos e irmãs em Bedford, aprendam a sofrer mais. Aprendam a negar-se mais. Há necessidade disso. Morram para o Eu. Não gostem demasiado do vosso conforto. Coloquem energia nos vossos labores diários e energia na Causa de Deus. A vossa recompensa não se encontra



aqui. Jesus adquiriu para nós uma herança imortal e, por ela, podemos suportar seja o que for. Oh, que amor, que maravilhoso amor nos foi manifestado pelo Amado do Pai! Oh, que nenhum de vós negligencie a preparação necessária, e acabe por ser pesado na balança e achado em falta!”⁹ Este conselho intemporal é pertinente para a nossa geração e, talvez, para cada um de nós como indivíduos!

Inquestionavelmente, Deus espera de nós um compromisso pleno e sem reservas para com Ele e para com a Sua Causa. Mas, lembre-se de que Ele não requer de nós algo que esteja para além do nosso potencial e das nossas capacidades. Em 1875, Ellen G. White alertou: “Homens e mulheres que amam tanto a causa de Deus como a sua vida farão promessas nessas ocasiões [nas reuniões campais], quando as suas famílias precisam de sofrer por falta dos recursos que prometeram dar para promover a causa. O nosso Deus não é um capataz e não requer que o pobre dê à causa recursos que pertencem à sua família e que devem ser usados para

mantê-los em situação confortável e acima de penúria.”¹⁰

CONCLUSÃO

Começámos com a história de W. H. Anderson e vamos concluir também com ela. No último parágrafo da sua autobiografia, intitulada *On the Trail of Livingstone* (*Na trilha de Livingstone*), Anderson diz: “Eu dei o meu dinheiro, a minha força, a minha esposa e tenciono dar o resto do meu pobre ser para terminar a obra que Deus me deu a fazer. Quero que leia estas linhas e se pergunte: ‘Senhor, o que queres que eu faça?’”¹¹

Que o Senhor nos ajude a vencer o nosso egoísmo natural e as nossas tendências materialistas, e nos ajude também a nos dedicarmos – incluindo todos os nossos talentos e todas as nossas posses – a Ele e à Sua Causa. Vivamos neste mundo uma vida decente, demonstrando por tudo o que fazemos que os nossos investimentos mais importantes estão “no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam” (Mateus 6:19-21).



¹ W. H. Anderson, *On the Trail of Livingstone* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1919), pp. 136, 175 e 176.

² Anderson, pp. 348-351.

³ Anderson, p. 329.

⁴ As citações bíblicas são retiradas da versão Almeida Revista e Corrigida.

⁵ *Dr. Livingstone Cambridge Lectures*, ed. William Monk (Cambridge, UK: Deighton, Bell, 1858), p. 23.

⁶ Oswald J. Smith, *The Man God Uses* (New York, NY: Christian Alliance, 1925), p. 95.

⁷ Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Sabugo: Publicadora Servir, 2020), p. 526.

⁸ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 3 (Tatuf, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), p. 396.

⁹ *The Ellen G. White Letters and Manuscripts with Annotations, 1845-1959*, vol. 1 (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2014), pp. 440 e 441.

¹⁰ White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 3, p. 410.

¹¹ Anderson, *On the Trail of Livingstone*, p. 351.

A CAMPANHA



Marília Diogo
Empresária Reformada

Lembro-me como se fosse hoje. Estávamos em 1963. Eu tinha 17 anos. Era o tempo da Campanha das Missões. A igreja de Tomar, liderada pelo Pastor Adelino Diogo, meu pai, tinha enviado um grupo de jovens e de adultos para Leiria, tendo em vista a angariação de fundos para as Missões. A dada altura da tarde, toquei à campainha de uma vivenda com jardim, situada na parte nobre da cidade. Uma criada veio atender. Pedi-lhe para falar com o dono da casa. Ela anunciou a minha chegada e mandou-me entrar. Dirigiu-me ao longo de um corredor para o escritório da habitação. Quando entrei, fiquei surpreendida. À minha frente estava um Padre! Aparentava ter cerca de 50 anos e tinha um sorriso simpático.

Ele saudou-me e pediu-me que me sentasse, sentando-se também por de trás da sua secretária. Perguntou-me ao que vinha. Respondi que estava a angariar fundos para as Missões da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ele pediu-me que lhe explicasse que Obra era essa. Foi assim que, de pergunta em pergunta, se passaram cerca

de 30 minutos. Quando a nossa conversa chegou ao fim, o Padre disse-me: “Se eu tivesse tido uma filha, gostaria que ela fosse como a menina.” Sem mais demoras, ele comprou-me uma *Revista das Missões*, dando um generoso donativo. Despedimo-nos simpaticamente e eu saí da vivenda.

Entretanto, o meu namorado – que veio a ser o meu marido – tinha dado pelo meu desaparecimento e fora avisar o meu pai, que, como Pastor, dirigia o grupo envolvido na Campanha. Todos começaram a procurar por mim pelas ruas de Leiria. A angústia crescia no peito de todos. Quando eu saí da vivenda onde morava o Padre, deparei-me com alguns membros do grupo da Campanha que me procuravam há quase meia-hora. Receberam-me com grande alegria e perguntaram-me com ansiedade por onde tinha andado. Eu disse-lhes que tinha estado a vender uma revista ao dono da casa de onde saíra.

No fim do dia, depois de concluída a ação de Campanha em Leiria, quando regressámos à igreja de Tomar, pude dar testemunho da minha aventura na casa do Padre. Todos ficaram admirados e deram glória a Deus. Orámos para que aquela revista pudesse fazer a diferença na vida do simpático sacerdote católico que me tinha acolhido com tanta gentileza. Só Deus sabe o efeito que o meu testemunho e que a revista que lhe vendi tiveram sobre ele.



“Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior.” – EGW, *Evangelismo*, p. 257.

JOÃO NO DIA DO SENHOR

“No tempo dos apóstolos, os crentes cristãos sentiam grande fervor e entusiasmo. Trabalhavam tão incansavelmente para o Mestre que, num tempo relativamente curto, e apesar da feroz perseguição, o evangelho do reino fez-se ouvir em todas as partes do mundo habitado. [...] Os membros da Igreja estavam unidos nos sentimentos e na ação. O amor a Cristo era a cadeia de ouro que os unia. [...] A obra avançava em cada cidade. Muitos eram convertidos. [...] Depois de algum tempo, porém, o zelo dos crentes começou a decrescer, assim como o seu amor a Deus e de uns para com os outros. [...] Falsas doutrinas, ao serem introduzidas, deram origem ao aparecimento de divergências e os olhos de muitos deixaram de olhar para Jesus como o autor e consumidor da sua fé. [...] Foi neste tempo crítico da história da Igreja que João foi sentenciado ao desterro. Jamais a sua voz tinha sido tão necessária à Igreja como agora. Quase todos os seus antigos companheiros de ministério tinham sofrido martírios. O remanescente dos crentes enfrentava uma oposição feroz. Segundo todas as aparências, não estava longe o dia em que os inimigos da Igreja de Cristo triunfariam.

Mas a mão do Senhor movia-se, invisível, no meio das trevas. Na provi-

dência de Deus, João tinha sido colocado onde Cristo lhe podia dar uma maravilhosa revelação de Si mesmo e da divina verdade para iluminação das igrejas.

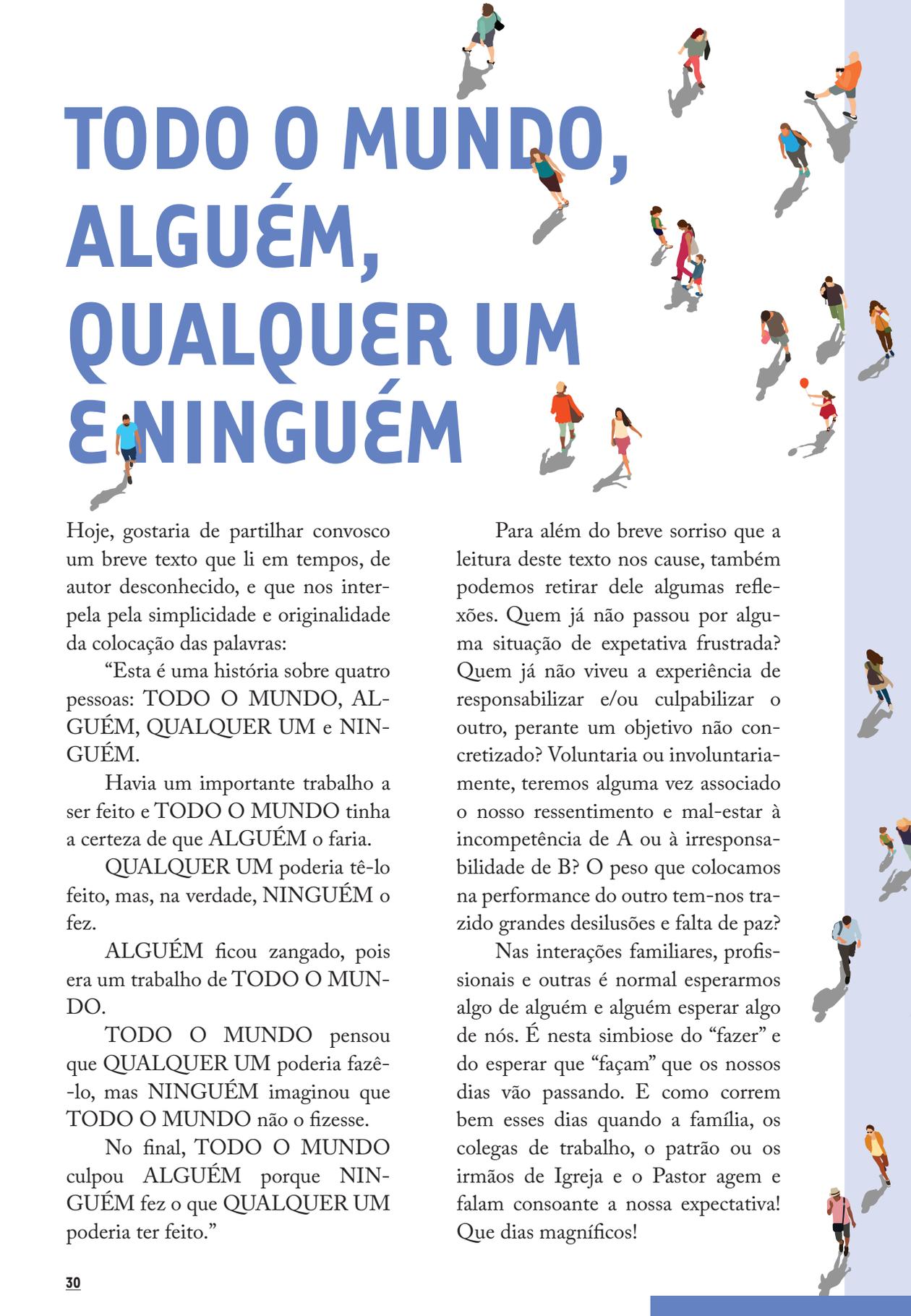
Com João exilado, os inimigos da verdade esperavam fazer com que a voz dessa fiel testemunha de Deus fosse silenciada para sempre. Mas, em Patmos, o discípulo recebeu uma mensagem cuja influência devia continuar a fortalecer a Igreja até ao fim dos tempos. [...]

Foi no Sábado que o Senhor da glória apareceu ao apóstolo exilado. O Sábado era tão religiosamente observado por João em Patmos como quando estava a pregar ao povo nas cidades e vilas da Judeia. Considerava as preciosas promessas feitas relativamente a este dia como sua propriedade. “*Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor*”, escreve João, “*e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta, que dizia: O que vês, escreve-o num livro. [...] E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro; e no meio dos sete castiçais um semelhante ao Filho do homem*”. Apoc. 1:10-13. [...]

João viu a misericórdia, a compaixão e o amor de Deus misturados com a Sua santidade, justiça e poder. Viu que os pecadores encontraram um Pai n’Aquele a quem eles, como pecadores que eram, foram levados a temer.”¹

1. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2008, p. 413-415, 419.

TODO O MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM E NINGUÉM



Hoje, gostaria de partilhar convosco um breve texto que li em tempos, de autor desconhecido, e que nos interpela pela simplicidade e originalidade da colocação das palavras:

“Esta é uma história sobre quatro pessoas: **TODO O MUNDO**, **ALGUÉM**, **QUALQUER UM** e **NINGUÉM**.

Havia um importante trabalho a ser feito e **TODO O MUNDO** tinha a certeza de que **ALGUÉM** o faria.

QUALQUER UM poderia tê-lo feito, mas, na verdade, **NINGUÉM** o fez.

ALGUÉM ficou zangado, pois era um trabalho de **TODO O MUNDO**.

TODO O MUNDO pensou que **QUALQUER UM** poderia fazê-lo, mas **NINGUÉM** imaginou que **TODO O MUNDO** não o fizesse.

No final, **TODO O MUNDO** culpou **ALGUÉM** porque **NINGUÉM** fez o que **QUALQUER UM** poderia ter feito.”

Para além do breve sorriso que a leitura deste texto nos cause, também podemos retirar dele algumas reflexões. Quem já não passou por alguma situação de expectativa frustrada? Quem já não viveu a experiência de responsabilizar e/ou culpabilizar o outro, perante um objetivo não concretizado? Voluntaria ou involuntariamente, teremos alguma vez associado o nosso ressentimento e mal-estar à incompetência de A ou à irresponsabilidade de B? O peso que colocamos na performance do outro tem-nos trazido grandes desilusões e falta de paz?

Nas interações familiares, profissionais e outras é normal esperarmos algo de alguém e alguém esperar algo de nós. É nesta simbiose do “fazer” e do esperar que “façam” que os nossos dias vão passando. E como correm bem esses dias quando a família, os colegas de trabalho, o patrão ou os irmãos de Igreja e o Pastor agem e falam consoante a nossa expectativa! Que dias magníficos!



Maria da Luz Cordeiro
Diretora da Área Departamental da Família da UPASD



PÁGINA da
Família

Mas, depois, porque ainda não estamos no Paraíso, surgem aqueles dias em que constatamos que existem “óbvias” diferenças. Afinal, o outro pensa e sente as coisas de forma diferente de mim. Não é que eu não entenda minimamente que, num ou noutro ponto, até possamos divergir, mas, naquele assunto específico, é evidente que só poderia haver uma resposta e um sentir (achava eu!).

Através do apóstolo Paulo, de forma sucinta e muito clara, Deus revela algo muito pertinente: “*Supportai-vos uns aos outros.*”¹ O leitor mais atento perceberá que o uso da palavra “suportar” é o camuflado aviso divino a dizer que, mais tarde ou mais cedo, alguém nos desapontará, alguém nos magoará, alguém ficará aquém daquilo que esperávamos. Ter que suportar algo ou alguém requererá de nós pa-

ciência e tolerância. Neste versículo, Deus ensina-nos que viver em comunidade, ter relacionamentos, interagir com outrem, é aprender, é crescer, é necessariamente perdoar e ser perdoado. E só há uma forma de percorrer este caminho: “*Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor.*”²

Só o amor de Deus no nosso coração nos ajudará a superar os dias difíceis das incompreensões e dos desentendimentos. É esse poder em nós que dissipará toda a discórdia.

Lembre-se: por amor a **TODO O MUNDO, ALGUÉM** deu a Sua vida, para que **QUALQUER UM** que n’Ele crer, tenha a esperança da vida eterna. Se meditar neste Amor diariamente e colocar as suas maiores expectativas em Jesus, sabe quem será capaz de retirar a sua paz? **NINGUÉM!**

Só o amor de Deus no nosso coração nos ajudará a superar os dias difíceis das incompreensões e dos desentendimentos. É esse poder em nós que dissipará toda a discórdia.

¹ Colossenses 3:13.

² Efésios 4:2.



OS APÓSTOLOS GUARDAM O SÁBADO



Paula Amorim
*Diretora-Associada da Área
da Família da UPASD para os
Ministérios da Criança*

Para
pintares!



» VERSÍCULO 3D «

“E no dia de _____, saímos fora das portas, para a beira do _____, onde julgávamos ter lugar para _____; e, assentando-nos, falámos às _____ que ali se juntaram. E uma certa mulher, chamada _____, vendedora de _____, da cidade de Tiatira, e que servia a _____, nos ouvia, e o _____ lhe abriu o _____, para que estivesse atenta ao que _____ dizia.” [Atos 16:13 e 14]

» HISTÓRIA 3D «

Paulo e Silas foram enviados por Deus a Filipos, a cidade romana na Macedónia, como missionários.

No Sábado dirigiram-se ao rio para orar. As mulheres de Filipos também se juntaram para orar e servir Deus no Sábado. Ali estava Lídia, uma vendedora de tecidos caros, que também amava Deus.

Paulo: Tenho viajado com as cartas dos apóstolos para as igrejas e todas estão a crescer muito. A cada Sábado, juntamo-nos para ler a Palavra de Deus e orar. Eu queria visitar a Ásia e reunir as pessoas no Sábado na Ásia, mas Deus deu-me uma visão para estar convosco, hoje.

Lídia: Obrigada, Paulo! Agora eu entendo o que está escrito na Bíblia. Eu quero servir Deus e obedecer a tudo o que disseste. Hoje, no Sábado, o dia especial para servir Deus, quero que me batizes com toda a minha família.

Paulo entendeu que Deus tinha tocado o coração de Lídia, uma mulher rica, para ajudá-lo a espalhar a Palavra de Deus na cidade de Filipos. Durante o tempo em que ali ficou, esteve sempre hospedado com Lídia, ao mesmo tempo que comunicava a Palavra de Deus. Muitos foram batizados e juntaram-se à igreja que se reunia no Sábado.





» DESCUBRE MAIS «

Os apóstolos guardavam o Sábado. No livro de Atos dos Apóstolos vemos, por várias vezes, os apóstolos encontrarem as pessoas na sinagoga, no campo e nas casas, onde se reuniam para ouvir a Palavra de Deus. Procura os versículos e confirma o que faziam os apóstolos no Sábado:

- Atos 1:12.
- Atos 13:14, 42, 44.
- Atos 15:21.
- Atos 16:13.

» DESENVOLVE SEMPRE «

Lídia e as outras mulheres encontravam-se no Sábado para orar e servir Deus. Lídia, uma vendedora de púrpura e de tecidos caros, parou o trabalho ao Sábado para ouvir Deus e a Sua Palavra. Depois, ela abriu a sua casa para ser uma igreja e receber todos os que seguiam Deus. A igreja em Filipos cresceu

muito e logo duas famílias importantes, a de Lídia e a do carcereiro, se reuniam no Sábado para falar de Deus. Deus fez grandes milagres para mostrar às pessoas em Filipos que o Sábado era o dia de reunir a família de Deus.

» DÁ-TE À MISSÃO «

No dia de Sábado é importante orar, ouvir a Palavra de Deus e sair para servir as pessoas. Há muitas maneiras de, no dia de Sábado, levarmos Deus aos outros. Podes fazer um grupo de oração em casa com os amigos ou um grupo de leitura de histórias da Bíblia e depois podes distribuir cartões com orações ou textos bíblicos preparados por vós entre os vizinhos e familiares. Toca a servir com muita alegria no dia de Sábado!

» ATIVIDADE 3D «

Procuras as 12 diferenças nos desenhos do encontro de Lídia com os apóstolos.



1937 – Família Parsons (Wabel, Elaine, Roy Júnior, Bob, David e Roy).



Emanuel Esteves
Médico



UMA HISTÓRIA CHEIA DE HISTÓRIAS

[PARTE II]

“Uma História cheia de histórias” é uma pequena série de artigos sobre a obra Médico-Missionária Portuguesa, em Angola, inserida na oportuna rubrica “Memórias da Nossa História”, da Revista Adventista em Portugal.

Tal como esclareci no artigo anterior, considerei o testemunho de vários conviventes de alguns dos protagonistas e quatro livros fundamentais: *História da Nossa Igreja*, um livro editado pelo Departamento de Educação da Conferência Geral dos Adventista do Sétimo Dia; *Arautos de Boas Novas*, da autoria do Pastor Ernesto Ferreira; *Pregoeiros da Verdade Presente*, da autoria do Pastor Alexandre Justino; e *Guiados Por Deus*, da autoria do Dr. Isaac



1931 – Grupo de vacinandos – Bongo.



1931 – Parsons em Portugal
(Mabel, David, Roy e Roy Júnior).

Paulo. Além destas fontes, consultei igualmente alguns documentos históricos do acervo oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia angolana, portuguesa e mundial.

No primeiro artigo focámos os primórdios da presença Adventista do Sétimo Dia em Angola e o nascimento da Missão Adventista do Bongo (pela corajosa e dedicada mão do Pastor William Harry Anderson) e do seu Hospital, no tempo do Dr. Archie N. Tonge, o primeiro Missionário Médico Adventista do Sétimo Dia em Angola.

Chegado ao Bongo em Outubro de 1926, portanto apenas dois anos depois da fundação desta Missão, iniciou o seu trabalho totalmente sem condições! Primeiro numa varanda, depois numa garagem, ele foi atendendo as pessoas, que começaram a surgir de todos os lados do território angolano. Em 1929, abriu o primeiro edifício do Hospital Adventista do Bongo! A “coisas” começavam a tomar forma e a ser mais sérias.

Em 1929, um enviado da liderança internacional da Igreja Adventista

do Sétimo Dia mundial, B. M. Heald, visitou Angola, onde permaneceu por um mês. Entre viagens, reuniões de obreiros e visitas a escolas e instituições da Igreja Adventista do Sétimo Dia, visitou o Bongo e comentou, num artigo por si escrito e publicado em Novembro de 1929 na *The Advent Review and Sabbath Herald*: “A missão dá a impressão de uma ‘Cidade de Refúgio’.”

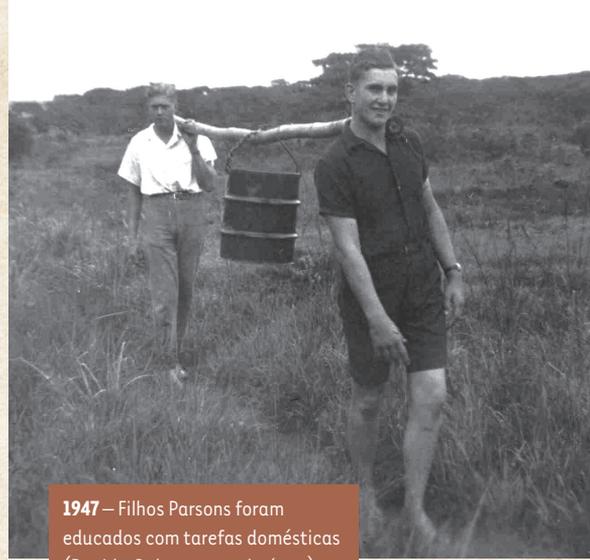
Porém, em 1930, o Dr. Tonge terminou a sua permanência em Angola, pelo que era urgente encontrar quem o substituísse e desse continuidade a este trabalho, imprescindível para socorro das necessidades do Povo angolano e para o crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia ali, no cumprimento da comissão deixada por Cristo, cerca de 1900 anos antes.

É assim que começa uma nova história, que neste artigo tentarei partilhar com os estimados leitores e com as estimadas leitoras.

No dia 10 de Setembro de 1905, o casal Tomas Harry Parsons e Sarah Stanley Parsons, viu nascer o segun-



1938—Escadinha Parsons.



1947—Filhos Parsons foram educados com tarefas domésticas (David e Bob carregando água).

do dos seus quatro filhos, a quem deu o nome de Roy Burlew Parsons. Isto ocorreu em Salém, New Jersey, Estados Unidos.

Inicialmente Baptistas do Sétimo Dia, os Parsons aceitaram a mensagem Adventista do Sétimo Dia durante a juventude de Roy, passando a pertencer à nossa Igreja. Com alguns sacrifícios e muita dedicação, estes pais garantiram que o seu filho tivesse acesso a boa preparação académica, que, após dois anos no Colégio Missionário de Washington, culminou com a Licenciatura em Medicina, no então designado Colégio de Evangelistas Médicos, em Loma Linda, Califórnia. Esta instituição veio a tornar-se na Universidade de Loma Linda, que hoje alberga várias Faculdades, além de Medicina (com o seu reputado Hospital Universitário), também Medicina Dentária, Escola Superior de Enfermagem, Departamento de Nutrição e Departamento de Saúde Pública.

Roy Parsons obteve a sua licenciatura médica em 1928. Fiquemos atentos a estas datas! Elas “encaixam” de forma

maravilhosa, quase incrível, nas datas do Bongo! Será pura coincidência?

Entretanto, no dia 21 de Outubro de 1904, na localidade de Ferndale, Califórnia, tinha nascido uma menina, a quem a sua família, de origem Suíça Italiana e de grande tradição Católica Romana, deu o nome de Mabel Carmella Casacca.

Apesar desta tradição religiosa, os pais de Mabel enviaram-na para uma Escola Adventista (o Pacific Union College), a fim de cursar Secretariado e Estenografia. Foi em tenra juventude que Mabel aceitou a mensagem Adventista do Sétimo Dia e se tornou membro da nossa Igreja.

Depois, foi estudar em Loma Linda, na Escola de Enfermagem. Ali encontrou Roy e casaram em 1927, no dia 8 de Junho, em Ventura, Califórnia. Em 1928 nasceria o filho mais velho deste casal, Roy (Júnior).

Depois da Licenciatura, o jovem Médico Roy (Sénior) e a sua família seguiram para Detroit, a fim de ele



1950 – Cirurgião Roy Parsons, Instrumentista; Mabel Parsons, Anestesia; dois Enfermeiros angolanos.



1950 – equipa do Hospital, Bongo.

cumprir um ano de estágio profissional no Hospital Henry Ford. Em Dezembro de 1929, o Dr. Roy Parsons decidiu aceitar o convite para ir como Médico para as Missões. Este convite tinha-o tocado pela primeira vez no último ano do seu curso de Medicina. Foi então que, numa curiosa sucessão de decisões, entre China e Angola, restou-lhe Angola. Pura coincidência?

No dia 3 de Maio de 1930, o casal Parsons (Mabel em avançada gravidez), com o seu filho mais velho, desembarcou em Lisboa, onde pretendia aprender a língua portuguesa. Esta estadia em Lisboa acabou por ter de durar cerca de um ano e meio, pois o Dr. Roy Parsons foi obrigado a repetir algumas das mais importantes Disciplinas Médicas, tais como Anatomia e Cirurgia, para que pudesse exercer em território português. Isto incluiu o Curso de Medicina Tropical, que o habilitou para os territórios intertropicais. Tudo isto em cerca de um ano e meio!

Mas, há mais! Durante este período em Lisboa, no dia 6 de Julho de 1930, nasceu o segundo filho deste ca-

sal. O parto ocorreu em casa, na cama dos pais, e foi efectuado pelo próprio Dr. Roy Parsons! Este filho, lisboeta por direito, recebeu o nome de David Justice Parsons. No próximo artigo veremos como foi importante que David tivesse nascido em Portugal. Pura Coincidência?

Com o seu diploma português oficial e autorizado a ser Médico em qualquer parte do então extenso território de Portugal, Roy Parsons, a sua esposa Mabel (a meio de nova gravidez) e os seus filhos Roy Júnior e David, rumaram para Angola e chegaram ao Lobito em finais de Dezembro de 1931.

De comboio seguiram para Longonjo, sendo esperados na estação pelo Missionário Fields, igualmente muito envolvido nos primeiros tempos do Bongo, nomeadamente na construção do Hospital.

Mas, o clímax foi a chegada à Missão. A 30 ou 31 de Dezembro de 1931, ao fim de quase dois anos sem um Médico, o Bongo reviveu! A família Parsons foi recebida pelo pró-



1956 – Dr Roy Parsons baptizando (arquivo fotográfico da família Parsons).

prio pioneiro W. H. Anderson! Que emocionante deve ter sido este episódio! Não temos descrições que testemunhem o que afirmo de imediato, mas, conhecendo o Povo de Angola e as suas doces tradições, dou comigo a imaginar os belos cânticos com os quais os habitantes da Missão terão recebido esta família, cantando, marchando oscilantemente e batendo com as mãos. Um dia, poderemos ouvir ambos lembrarem estes dias solenes e cheios de significado!

E foi assim que surgiu a figura incontornável do Dr. Roy Parsons e a ligação profunda da sua família ao Bongo.

Mas, nessa altura, estava prevista uma comissão de cerca de sete anos no Bongo!

A verdade é que estes sete anos chegaram a quarenta e quatro anos! Até 1975, ano da independência de Angola. Ano em que os Parsons foram forçados a abandonar Angola, numa autêntica odisséia que, só por si, tem matéria para um livro.

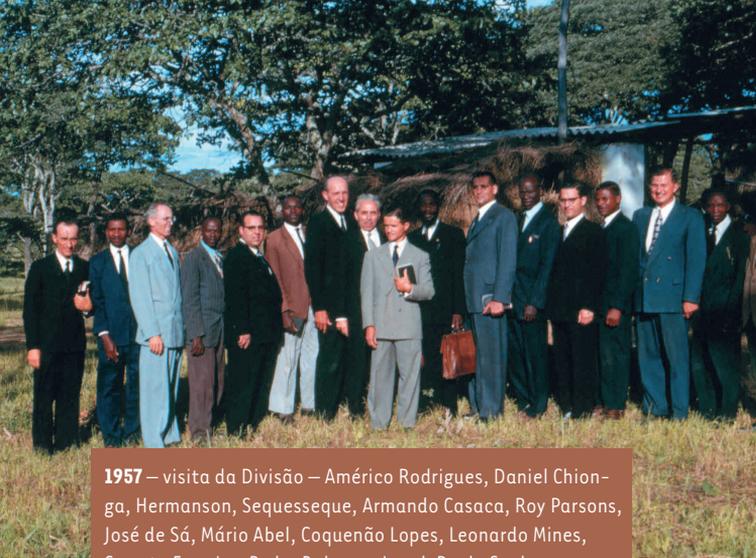
O importante é que, logo após a sua instalação, o casal Roy e Mabel

Parsons “adoptou” um novo filho: o Hospital do Bongo e a obra Médica Adventista do Sétimo Dia em Angola!

Deus presenteou esta família com mais dois filhos: um em 14 de Março de 1932 (Robert Mead Parsons, ternamente chamado Bob) e outra em 27 de Outubro de 1933 (Carmela Elaine Parsons), ambos nascidos na cama dos pais, tendo sido o próprio pai a fazer os partos, tal como tinha acontecido em Lisboa com o segundo filho (David Justice).

Durante a infância destes quatro filhos a família Parsons formava aquilo a que os amigos mais próximos chamavam carinhosamente a “escadinha Parsons”.

O Hospital foi crescendo fisicamente e em capacidades. Consultas, cirurgias de quase todos os tipos, emergências, doenças difíceis, actos de Enfermagem, educação para a saúde, exames complementares de diagnóstico, formação em Enfermagem e sempre, mas sempre, o testemunho da Fé: subtilmente, ou declaradamente, conforme as pessoas e as circunstâncias.



1957 – visita da Divisão – Américo Rodrigues, Daniel Chionga, Hermanson, Sequesseque, Armando Casaca, Roy Parsons, José de Sá, Mário Abel, Coquenão Lopes, Leonardo Mines, Ernesto Ferreira, Pedro Balança, Jewel, Paulo Epalanga.



1957 – capela do Hospital inaugurada em 1959.

Aquela oração, que os doentes ouviam os Parsons fazerem antes de cada acto cirúrgico! Foi a gota de água para muitas decisões por Cristo e para a conquista de muitos amigos da Obra Adventista do Sétimo Dia, em Angola e em Portugal!

Sempre com a agenda diária sobrecarregada, o Dr. Roy Parsons, procurava encontrar tempo para a pregação da Palavra. Levou ao baptismo incontáveis almas e apoiou a abertura de várias igrejas e grupos. Foi ordenado Pastor em 1940 (durante uma Assembleia da Conferência Geral nos Estados Unidos da América) e chegou a exercer essa função, em acumulação com a Medicina. Tive o privilégio de ter sido consagrado Ancião de Igreja, numa cerimónia presidida por ele, na igreja Central de Luanda, em 1973.

Amante e protector da Criação, o Dr. Roy Parsons conhecia os astros, as plantas, as aves, os cogumelos, as pedras e os animais, como será difícil encontrar mais alguém. Tive o privilégio de o ver operar e fui operado por ele, ouvi-o (sempre encantado) pregar, fiz

várias excursões a pé no mato (sob a sua orientação) e contemplei (guiado por ele) os astros na fascinante noite africana, sem qualquer tipo de poluição luminosa, no cume da Montanha do Bongo, Catoto.

As suas mãos enormes, que me assustaram quando as vi pela primeira vez, foram sempre fortes, mas competentes, delicadas e meigas. E sei que a mim se juntam milhares de pessoas, com a mesma opinião.

O seu trabalho foi sentido noutros locais de Angola, sempre que lhe era possível abandonar o Bongo por alguns dias: Cuale, no Norte; Quicuco, um pouco a Sul; Lucusse e Luz, para Nordeste.

A sua acção extravasou o “mundo Adventista do Sétimo Dia”, tendo colaborado clinicamente em Missões de outras Denominações Religiosas e até em Hospitais Públicos.

De todos os lados – do mato, das cidades, das vilas e das aldeias – vinham doentes em busca de ajuda. A pé, de carro, de bicicleta, de motorizada, de táxi, de tipóia, enfim, de to-



1959 – Roy e Mabel Parsons, Irene e Ernesto Ferreira.



Alguns doentes graves eram transportados de Tipóia (fotografia cedida a partir do livro *Guiados Por Deus*).

das as formas possíveis. Alguns, eram casos perdidos! Mas, todos encontravam atenção e a maioria viveu as soluções prescritas. Alguns estão totalmente convictos de que a sua cura foi um milagre. Os que não puderam ser curados, encontraram, todavia, uma esperança.

Durante os quarenta e quatro anos em Angola, poucas vezes se ausentou de férias, mas sempre procurou rentabilizar essas ausências, captando donativos e trabalhando para receber pagamentos extra, que lhe permitiram ser portador de equipamentos e materiais em falta no Bongo! Uma estratégia semelhante à do Dr. Albert Schweitzer.

Tempestades assustadoras, guerras, doenças, feras e serpentes venenosas fazem parte das suas “aventuras” missionárias e nunca o desencorajaram.

A acção do Dr. Roy Parsons foi notória na Medicina Geral, na Medicina Interna, na Ginecologia e Obstetrícia, na Traumatologia, na Dermatologia, no cuidado a grandes queimados, na Cirurgia Geral, na Cirurgia Onco-

lógica e na Saúde Pública (campanhas de vacinação, promoção da salubridade e prevenção da Malária).

Na década de 1950, um doente, não Adventista do Sétimo Dia, que era Arquitecto, ficou impressionado ao ouvir a meditação matinal, no sistema de som do Hospital, que falava da Bíblia como uma Luz para os homens.

Este cidadão decidiu projectar e financiar grande parte da construção de uma capela, em frente ao Hospital, especialmente dedicada aos doentes com mobilidade e ao pessoal do Hospital. Nessa capela foi instalado um sistema que levava o som para o Hospital e os doentes imobilizados poderiam ouvir a Escola Sabatina e o Culto, se o desejassem. Os outros, assim como parte dos Profissionais de Saúde de serviço ao Sábado, podiam ir à Igreja e participar presencialmente, sem comprometerem a vida do Hospital.

Vindos do estrangeiro ou preparados pelo Hospital do Bongo, homens e mulheres dedicados vieram dar a sua colaboração aos Parsons: alguns eram

Testemunho do Dr. Isaac Paulo, autor de *Guiados Por Deus* e filho do Pastor Domingos Paulo, que conta um episódio passado consigo:

“Certo dia (Fevereiro de 1991) ao cruzar a fronteira de Badajoz, entre Espanha e Portugal, fortemente policiada devido à primeira guerra da coligação do Ocidente contra o Iraque, fui obrigado a remover do veículo a bagagem, a fim de ser vistoriada. Tão logo iniciei a operação, chegou o chefe da fronteira, que procurou saber de que país e região era o viajante. Ao mencionar que era de Angola e antigo aluno do Bongo, o chefe da Polícia fronteiriça mandou parar de imediato a vistoria e a conversa centralizou-se, com saudades, na ‘missão do Bongo dos Parsons e do Casaca’. Ele vivera, antes da independência, na Caála e conheceu bem a fama do Bongo. Pediu desculpas e mandou prosseguir viagem. O Bongo e outras missões satélites (Cuale, Luz, Lucusse, Namba, Quicuco e Centrais) jogaram um papel muito importante na formação da pessoa humana. Louvado seja Deus por ter criado esses lugares a bem do Seu povo.”

Médicos e muitos eram Enfermeiros, assalariados ou voluntários, angolanos, portugueses, sul-africanos, austríacos, brasileiros, americanos, suíços, alemães, italianos, etc.. A lista é tão grande, que não cabe num artigo como este!

É justo ainda referir a criação de um Orfanato. Ali, as crianças, de diferentes etnias, que tinham perdido os pais, fosse por doença ou por acidente, eram acolhidas e educadas. Recebiam como apelido “Hospital”, pois nem sempre se conhecia o apelido de família.

Como é justo referir o papel da Leprosaria, onde, inclusivamente, se realizaram inúmeros baptismos.



Década de 1950 – Crianças do Orfanato.

E, ainda, o da Escola de Enfermagem! Ali, vários estudantes angolanos receberam formação e treino, que lhes permitiu serem integrados, na sua maioria, no quadro do Hospital do Bongo.

Mas, o desenvolvimento do Bongo não se limitou aos aspectos Médico-Missionários, só por si tão importantes e que são o fulcro desta série de três artigos. A escolaridade básica, a formação em Teologia, a agricultura, a pecuária, a indústria e o artesanato foram crescendo, permitindo sustento e formação profissional. Assim, o Bongo tornou-se num polo de desenvolvimento social e de actividade económica, que motivou o desenvolvimento das áreas circundantes e localizadas fora do perímetro desta Missão, em que se desenvolveram actividades económicas de relevo, relacionadas com a agricultura e a fruticultura, a pecuária e a hotelaria (esta directamente dependente da existência do Hospital).



Dr. Roy B. Parsons

Depois de 37 anos de trabalho consecutivo, interrompido apenas por quatro breves ausências em gozo de férias, partiram de Luanda para os Estados Unidos, no dia 7 de Outubro, o Dr. Roy B. Parsons e sua Esposa, D. Mabel.

A sua acção em favor do povo de Angola e no desenvolvimento da Igreja Adventista não pode ser descrita com palavras humanas. Durante estes anos, mais de 15 000 operações foram realizadas pelo Dr. Parsons. São incontáveis os doentes a quem ajudou física, moral e espiritualmente.

Da gratidão que ao Casal Parsons dedica o povo adventista foram testemunhas as festas de despedida que no dia 18 de Agosto se realizaram, à tarde e à noite, na Missão do Bongo, e de que se fez eco a imprensa local.

Esperamos que esta despedida não seja definitiva e que em breve possamos ter este casal de novo entre nós.

mulheres percorreram de três a cinco quilómetros para verem essas projecções. A semente da verdade foi lançada e certamente há-de germinar em breve para o reino do nosso Pai.

Na sexta-feira, continuaram as reuniões. O povo adventista estava ansioso por ouvir as maravilhosas mensagens inspiradas e cheias de poder transformador.



O Casal Parsons

Excerto de “Notícias do Campo”, uma rubrica do Boletim Adventista, órgão oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Angola, na sua edição de Outubro de 1968 (fonte: Arquivo Histórico da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia).

Roy e Mabel Parsons, trabalharam em conjunto, sempre que possível. Mas, sempre que ela podia, ocupava-se dos filhos e, depois, dos netos, assim como do apoio na educação e instrução de várias pessoas. Dos filhos, Elaine juntou-se-lhes durante algum tempo, enquanto jovem. Mas quem ali permaneceu durante mais anos, dando corpo, dimensão e continuidade ao trabalho do “Patriarca” Roy Parsons, foram os filhos Robert (Bob) e David, e respectivas esposas (Jo Anne e Leona).

Robert, muito ligado à tecnologia, dirigiu ainda a pecuária, desenvolveu e geriu o laboratório clínico e a radiologia e colaborou nas anestésias. Um “homem dos sete ofícios” que tanto legou ao Bongo e que se considera um verdadeiro angolano. Residente nos Estados Unidos da América, ainda conserva a capacidade de manter uma conversa em umbundo! Sou testemunha da emoção vivida por ele e pelos amigos angolanos,

quando se reencontraram em 2007, ao fim de 32 anos de separação.

O Dr. Roy Parsons aposentou-se em 1968, mas manteve o seu apoio ao

Narração de Elaine Parsons, em Julho de 2012, publicada no livro *Guiados Por Deus*.

“Lembro-me ainda da viagem em cima de uma camionete, desde a África do Sul até ao Bongo, quando regressávamos de férias dos Estados Unidos da América e de termos chegado a casa, no Sábado de manhã quase à hora do fim do Culto, em vez de sexta-feira até ao pôr do sol. Tivemos uma demora por causa de uma ponte que quebrou, com o peso da camionete. As mulheres que estavam fora da Igreja, a cuidar dos seus filhos, aperceberam-se da nossa chegada e foram anunciar a toda Igreja. Ouvimos cantar o hino final e, mal chegámos à nossa casa, ficámos cercados pelos nossos irmãos, dando-nos as suas boas-vindas. É algo de que nunca vou esquecer-me.”

Hospital. Depois do “êxodo” de 1975, colaborou durante algum tempo no Hospital de Windoek, Namíbia e, depois, no Hospital Adventista de Maluti, Lesoto. Viajou para os Estados Unidos da América em 1979, cessando a sua actividade clínica, após quase 48 anos dedicados a África!

Ainda visitou Portugal em 1982, acompanhado da esposa, Mabel, data em que reencontrou muitos dos seus amigos de Angola e deles se despediu na incerteza de os rever nesta Terra.

Roy e Mabel Parsons tinham sonhado terminar os seus dias no Bongo. Na encosta daquela montanha que “olha” para a Missão Adventista do Bongo e para as belas e extensas terras do Planalto Central de Angola, onde o Huambo se inscreve.

Foram forçados a não concretizar este sonho e terminaram os seus dias nos Estados Unidos da América: o Dr. Roy Burlew Parsons adormeceu em 13 de Novembro de 1993 (com 88 anos); a esposa, Mabel Carmella Casacca, descansou em 27 de Agosto de 2001 (com quase 97 anos).

Mas o seu legado persiste na nossa memória, nas “Memórias da Nossa História” e no coração de todos os que os conheceram, incluindo os que se decidiram pelo “Caminho”, graças à sua influência e apoio.

Por isso, caro leitor, cara leitora, não perca a oportunidade de se juntar a quem está a lidar com a reabilitação do Bongo!

Aqui registo um sabor especial ao ler: “Quão suaves são, sobre os montes, os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia o

bem, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!” (Isaiás 52:7, versão *Mundo Bíblico*).

Ansiamos pelo “dia” em que a “voz como de muitas águas” soará e os fará despertar para a Eternidade!

No próximo artigo, iremos focar os tempos do Dr. David Parsons, também na memória de tantos portugueses e angolanos!

O autor escreve de acordo com a ortografia antiga por opção pessoal.

Citação extraída de *Guiados Por Deus*, assinada por Isaac Paulo, seu autor:

“O Dr. Roy Burlew Parsons faleceu em 13 de Novembro de 1993 (aos 88 anos), em Hémet, Califórnia, na sua casa e com a sua família. A D. Mabel Carmella Casacca continuou a viver na sua casa, até que o seu filho Robert, que vivia perto, se transferiu para o Norte e, nessa altura, ela passou a viver com ele. Mabel faleceu em 27 de Agosto de 2001 (quase aos 97 anos) em Yacolt, Washington, onde estava a viver na altura. A ambos, o povo de Angola rende a sua homenagem, como missionários de eleição. Todos, desde a Conferência Geral, Divisão Euro-África, Angola e seus governantes, reconheceram o brilhante trabalho dos Parsons e conservá-los-ão nas suas memórias. Também um pouco por todo mundo, África do Sul, Brasil, França, Namíbia, Portugal, muitos guardam na sua memória a família Parsons, como missionários exemplares e que serviram Deus com dedicação, eficiência e competência. Angola agradece a Deus por estes missionários e compromete-se a restaurar o complexo hospitalar do Bongo, dando-lhes continuidade.”



Seminário Adventista para Leigos Portugal 2021

17 SET 2021 | PR. ANTÓNIO CARVALHO,
COORDENADOR-GERAL DO SAL PORTUGAL

Teve lugar no domingo, 12 de setembro, o encerramento oficial da terceira edição do programa SAL Portugal. Foi um reencontro, presencial, entre formadores e formandos, após um período de pandemia que obrigou todos os participantes a seguirem as aulas à distância, através de plataforma eletrónica.

O SAL Portugal é um programa de formação destinado aos membros leigos, criado pelo Instituto Hispânico dos Ministérios, da Universidade de Andrews, e visa formar os membros para que possam desenvolver ministérios pessoais que auxiliem a Igreja na proclamação do evangelho eterno.

Este ano foram oferecidos à Igreja nacional os cursos de Casamento e Família, Intervenção Social, Liderança Eclesiástica, Pregadores Leigos e Secretariado e Missão, lecionados por um total de 27 formadores nacionais e estrangeiros.

Dois destes cursos, o de Intervenção Social e o de Secretariado e Missão, foram criados em Portugal. As igrejas participantes no programa inscreveram 279 formandos, oriundos de 76 igrejas de todo o país.

Felicitemos todos os formandos pelo seu empenho no cumprimento dos requisitos académicos e na implementação dos

seus projetos e registamos, com muito agrado, que o programa de formação SAL já originou decisões por Cristo que levaram à celebração de batismos em diversas igrejas.

Agradecemos à equipa técnica do programa (coordenadores de curso, formadores e assistentes técnicos) pela preciosa colaboração que deram ao longo do programa, às igrejas e seus líderes, que apostaram na formação dos seus membros, capacitando-os para a missão, e agradecemos, de um modo especial, a Deus pelo modo como abençoou o programa na pessoa de cada participante.

Dentro em breve, contamos informar as igrejas acerca do SAL 2022.



“Gratidão e Serviço”: Encontro REASD 2021

24 SET 2021 | DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA UPASD

Rede Escolar reúne-se no início do ano escolar. Espírito de gratidão a Deus pela Sua proteção e vontade de servir a Educação Adventista foram a tônica do encontro.

Nos dias 17 e 18 de setembro realizou-se o Encontro da REASD – Rede Escolar Adventista do Sétimo Dia, no Vimeiro, sob o tema “Gratidão e Serviço”. Dadas as circunstâncias que vivemos nos últimos longos meses, e também para proporcionar o encontro de profissionais de educação da Rede pela primeira vez após a profunda reestruc-

turação dos estabelecimentos de ensino da UPASD, o Departamento de Educação organizou este Encontro em substituição da agendada Convenção de Educação.

O tempo de encontro entre os profissionais das quatro escolas adventistas do Continente – o Externato Adventista do Funchal terá um dia especial dedicado à Educação a 9 de outubro – foi aproveitado para louvar e agradecer em conjunto a proteção e o cuidado de Deus sobre as escolas adventistas no cumprimento dos planos espirituais, pedagógicos e sanitários, em particular durante a contingência pandémica. E, se tivesse sido somente esse o foco do Encontro, o tempo teria sido ainda muito escasso. Na verdade, os testemunhos do cuidado de Deus, de relacionamento com as famílias, de apoio e entajuda entre o pessoal foram os motivos de gratidão apresentados pelos diretores, administradores, profissionais e suas famílias no programa de sexta-feira à noite. Deus é o Autor, Guia e Mantenedor das instituições de ensino adventistas e merecedor de todo o nosso reconhecimento.

O dia de Sábado foi espiritualmente significativo e relacionalmente confortador, contando com a presença dos três Administradores da UPASD, facto que alegrou e motivou os presentes. No programa da manhã, o Pr. António Carvalho, Secretário Executivo da UPASD, envolveu o grupo de cerca de 60 irmãos numa Escola Sabatina ativa e participada, em que as lições da experiência de Jonas foram relembradas e adaptadas aos nossos desafios diários, nomeadamente a disponibilidade para estar ao serviço a todo o momento e para todas as pessoas... mesmo as menos fáceis de servir. No sermão solene, o Pr. António Amorim, Presidente da UPASD, apelou aos mais

profundos sentidos de responsabilidade e de compromisso do profissional de educação adventista, através do tema: “ADN de Educadores, Replicantes de Heróis”, lembrando o mote da REASD, “ADN de Heróis”. Através das suas palavras, foi compreendido o desejo de Deus de ter educadores que confiam em Deus, se envolvem na missão e, principalmente, crescem na sua amizade e na sua semelhança com Jesus; e, assim, contribuem para o crescimento pessoal de cada estudante, nas suas múltiplas dimensões, de forma equilibrada e abençoada.

Da parte da tarde teve lugar uma cerimónia de entrega de Credenciais e pins de serviço a docentes, e de medalhas de tempo de serviço a não docentes, do Colégio Adventista de Oliveira do Douro, do Colégio Adventista de Setúbal, da Creche e Jardim de Infância Arco-Íris e do Colégio de Talentos. O Departamento de Educação, por voto unânime do Conselho Diretor da UPASD, atribuiu 21 novas credenciais a Professores, das quais grande parte foram entregues nesta cerimónia, em reconhecimento da Igreja pelo ministério do ensino exercido por cada um, pedindo a bênção de Deus sobre eles e confiando na confirmação de Deus sobre as suas funções, conforme o texto de Paulo em Romanos 16. Os pins e as medalhas de tempo de serviço são também uma forma de celebrar e agradecer o contributo, ao longo do tempo, dos nossos profissionais. Por exemplo, a Educadora Anabela Torres, do Arco-Íris, recebeu o seu pin de 30 anos, o mesmo número de anos de serviço da Assistente Educativa Antonieta Oliveira, do CAOD.

Durante o Encontro, o grupo contou com a presença da professora Filomena Magalhães, que louvou Deus através da música nos vários momentos especiais, nas

cerimónias que foram tendo lugar. O Encontro finalizou com um lanche-convívio de despedida, que celebrou a possibilidade e a alegria da reunião presencial ao fim de tanto tempo e que cimentou o espírito de grupo e o ânimo para um ano letivo, com certeza longo e duro, mas com certeza também feliz e abençoado por Deus.



Batismos em Torres Vedras

03 OUT 2021 | JOABE SILVA,
PASTOR DA IASD DE TORRES VEDRAS.

Durante o verão de 2021, a igreja Adventista do Sétimo Dia de Torres Vedras realizou duas belíssimas cerimónias batismais. Os eventos ocorreram nos dias 21 de agosto e 18 de setembro, respetivamente, na Barragem de São Domingos, em Peniche, e contaram com a participação de dezenas de pessoas.

Foram momentos emocionantes num belo cenário natural, que proporcionaram lindas imagens e marcantes lembranças. No total, cinco pessoas foram batizadas e pelo menos outras cinco expressaram o desejo de preparar-se para o batismo. A próxima ceri-

mónia está agendada para o dia 23 de outubro, Dia Nacional de Batismos em Portugal.

O resultado alcançado pela igreja em Torres Vedras tem sido fruto de uma estratégia simples, que consiste em três aspetos: 1) o envolvimento dos membros na tarefa de dar estudos bíblicos; 2) o constante incentivo à oração intercessora em favor de amigos não Adventistas; e 3) o foco no acolhimento daqueles que participam dos cultos e nas reuniões.

Que o Senhor continue a promover o crescimento do Seu povo até que Cristo venha!



Batismo no Fundão

29 AGO 2021 | DEP. DE COMUNICAÇÕES DA IASD DO FUNDÃO.

O Sábado 21 de agosto do corrente ano foi um dia cheio de bênçãos para a igreja do Fundão. Oito dias depois da última cerimónia batismal, a igreja teve o grato privilégio de realizar uma nova cerimónia. Logo, a alegria foi enorme. Nesta manhã de Sábado, mais uma preciosa alma, o irmão Claudinei, deu testemunho público da sua aceitação de Jesus como seu Salvador pessoal.

Tivemos o prazer e a grande honra de ter no nosso meio o Pastor Júlio Carlos Santos, que oficiou a cerimónia. Uma palavra de agradecimento ao Pr. Júlio Carlos pela sua boa vontade e amizade, e pela sua bonita mensagem.

Por favor, orem pela igreja do Fundão.

MEDITAÇÕES 2022

MEDITAÇÕES MATINAIS

12€

Agenda para o
Tempo do Fim
Nada a temer, a menos que...

AGENDA PARA O
TEMPO DO FIM É UM
ITINERÁRIO ESPIRITUAL
DE REFLEXÃO, QUE NOS
AJUDARÁ NA NOSSA
PREPARAÇÃO PARA A
ETERNIDADE.

LIGUE 21 962 62 00 | LIVRARIA DA SUA IGREJA
COMPRA ONLINE WWW.PSERVIR.PT